

Correio das Artes

ANO
LXXIV

Nº
10



Dezembro

R\$ 12,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.



Literatura de dar medo

Angústia, reflexões sociais e crítica política: autores falam o que inspira a cena de terror e fantasia que emerge na Paraíba

Suplemento
literário
do Jornal A União
2023

VOCÊ, AUTOR PUBLICADO

marketing EPC



Junte-se ao melhor da literatura paraibana.
Publique seu livro na **Editora A União**.

Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra e, claro, de você em autor publicado.

Entre em contato e agende uma conversa:
(83) 99363-7083



EDITORA

A UNIÃO

O horror perto de nós

Pródiga em escritores, a Paraíba ver descortinar sob seus olhos uma nova leva de autores que rumam para um gênero pouco explorado por estas bandas: o da literatura de terror. Dedilhando sobre esse nicho, jovens escribas expõem, em textos criativos e surpreendentes, as mazelas da sociedade, refletem sobre perigos iminentes e criam metáforas para uma sociedade complexa, repleta de medos e angústias.

A cena vai se formando de maneira orgânica. Mineiro radicado há anos em Campina Grande, Bruno Ribeiro vinha publicando contos de horror até ver sua distopia *Porco de Raça* bater milhares de concorrentes e levar o Prêmio Machado DarkSide, criado por uma editora brasileira focada justamente na literatura fantástica.

Apenas dois meses depois de *Porco de Raça* chegar às livrarias, o paraibano radicado em São Paulo Cristhiano Aguiar lançou *Gótico Nordestino*, antologia de contos com inspiração no desconhecido e que saiu pela renomada

Pródiga em escritores, a Paraíba ver descortinar sob seus olhos uma nova leva de autores que rumam para um gênero pouco explorado por estas bandas: o da literatura de terror. Dedilhando sobre esse nicho, jovens escribas expõem as mazelas da sociedade, refletem sobre perigos iminentes e criam metáforas para uma sociedade complexa, repleta de medos e angústias

Alfaguara. Daí veio a pandemia, e os pessoenses Ricardo Oliveira e Isabor Quintiere trataram de maturar seus textos, dando origem a ótimas obras, lançadas recentemente - a mais nova, *Verde Gás*, acaba de sair.

Então 2023 acaba com uma produção importante nessa seara e aponta para um 2024 em que esse tipo de leitura pop contemporânea - explorada em larga escala no audiovisual - pode se destacar. Pensando nisso, a repórter Alexandra Tavares recebeu a missão de conversar com essa turma sobre o processo criativo que move a literatura de cada um, e mostrar a razão pela qual eles abraçaram esse gênero.

E para mergulhar mais fundo no tema, Alexandra saiu da Paraíba e foi encontrar nos especialistas Oscar Nestarez e Eric Novello, análises e histórias sobre esse mundo fantástico, e descobriu até uma linha de pesquisa que relaciona a literatura de horror ao universo LGBTQIAPN+.

Boa leitura!



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

André Cananéia
Editor do Correio das Artes

Paulo Sergio
Diagramação

Domingos Sávio
Arte da capa

Tonio
Ilustrações

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

índice

18 / crônica

Autor de 'O Redator de Obituários', Francisco Gil Messias parte da premissa "Cronista não ganha Prêmio Nobel" para refletir sobre esse gênero literário.

20 / entrevista

O escritor, dramaturgo e artista visual WJ Solha conversa João Lobo a respeito do processo criativo do fotógrafo, que resultou na mostra 'ÍNDICE itacoatiara ingá'.

29 / scholia

Milton Marques Júnior volta a analisar a poesia de Augusto dos Anjos, desta vez sob o prisma do "quimiotropismo erótico", termo cunhado por Ernst Haeckel.

32 / resenha

Professora Genilda Azerêdo mergulhou na coletânea de contos 'O Pó da Estrada' e extraiu de lá uma análise abrangente do segundo livro da escritora gaúcha Liane Schneider.

42 / coluna

João Batista de Brito dedica 'Imagens Amadas' deste mês aos muitos talentos do artista Horieby, através de uma crônica repleta de afeto.

46 / música

Professor Rodrigo Falcão destrincha o eu lírico da canção 'Lembrete', parceria entre Milton Dornellas, Pedro Osmar e Ronaldo Monte.



Uma leitura de arrepiar!

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Novos autores paraibanos ajudam a construir uma cena voltada à literatura fantástica, lançando livros de terror e ficção científica distópica que têm dado o que falar

Assim como a beleza das coisas atrai o olhar onde quer que esteja, inegavelmente fatos medonhos, apavorantes, violentos chamam a atenção, nem que seja pelo inusitado. Quando essas histórias são construídas, inteligentemente, pelos autores da literatura fantástica, num misto de terror, suspense, fantasia e realidades distópicas, a imaginação voa alto e fica difícil desgrudar de um livro do gênero. Há quem diga que não há meio termo para esse tipo de narrativa, ou se gosta ou se odeia. Porém, é improvável não encontrar uma pessoa totalmente imune a tais publicações e que, entre sobressaltos e arrepios, não tenha ficado aficcionada para saber o desfecho da trama.

Originada há séculos, nas mensagens transmitidas de geração em geração em rodas de conversa, personagens monstruosos, situações sinistras e até lendárias ganharam as páginas dos livros e foram se fortalecendo ao longo das décadas sob a escrita de pioneiros como Edgar Allan Poe (1809-1849), Ambrose Bierce (1842-1914) e tantos outros. Atualmente, sob o respaldo de um dos autores vivos mais respeitados do gênero, Stephen King (1947), a literatura fantástica, especialmente a de terror, segue conquistando adeptos e guarda elementos de sua ancestralidade como a atmosfera ameaçadora, o perigo sempre à espreita, a luta contra a face maléfica do ser ou da vida e a presença do monstro, que pode ser fantástico ou humano.

“Os medos vão mudando, a literatura de horror, de terror, vai incorporando os medos da época, mas a forma como se escreve, como se constitui o texto, enfim, segue muito à risca aquilo que Poe, praticamente um fundador do gênero, fazia”, afirmou Oscar Netares, escritor, pesquisador, tradutor e colunista da revista Galileu.

Segundo ele, nomes titãs de uma geração mais recente, como Mariana Henriquez e Clive Barker, das décadas de 1970 e 1980, vêm puxando uma leva de outros escritores para essa caminhada. Fato é que o gênero aprimorou elementos da narrativa gótica, a refinou e deu sua contribuição para a literatura mundial. “De certa forma, acaba sendo uma relação de mutualismo, em que o terror se apropriou de ‘novidades’, ao mesmo tempo em que forneceu estruturantes para que autores de outros gêneros pudessem construir personagens mais complexos, profundos”, frisou Oscar.

O escritor paraibano e jornalista Ricardo Oliveira, que lançou, agora em dezembro, o romance *Verde Gás*, declarou que um dos aspectos que o atrai no terror é a áurea do desconhecido nas passagens textuais, da adrenalina que esse tipo de leitura provoca. “Sou uma pessoa muito de cinema, então o aspecto visual, aspecto às vezes explícito da própria violência, é um negócio que me atrai. E é isso que gera na gente um tipo de recepção curiosa. A gente parece gostar de ver essas coisas, de sentir o medo, isso é superinteressante. Mas, também acho que o terror toca em elementos que o gênero realista não costuma abordar da mesma for-

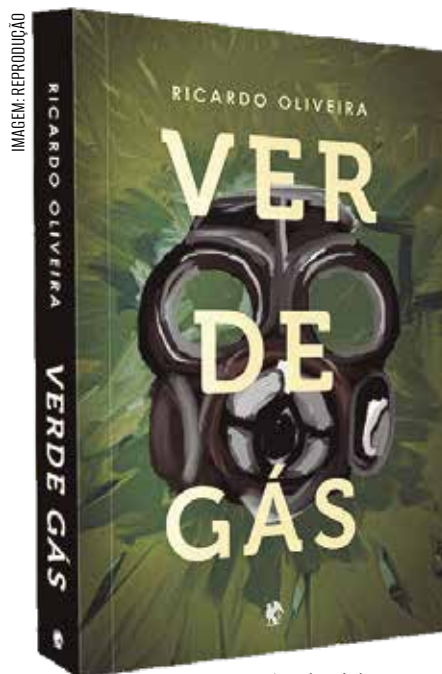


IMAGEM: REPRODUÇÃO

“Verde Gás”, romance de estreia de Ricardo Oliveira é fantasia distópica tem por inspiração a cidade de João Pessoa

ma. Obviamente, o principal deles são os nossos próprios medos, mas também tem muita coisa sobre os nossos traumas, sobre dilemas sociais, que são interessantes e que me chamam a atenção”, afirma.

E como os caminhos explorados nas publicações de terror são amplos, vão desde criações de monstros fantásticos até a extração dos sentimentos mais sombrios do homem, Ricardo destacou que uns dos vieses que o cativa na construção textual é a coragem e a predisposição que alguns autores têm de externar situações absurdas, atípicas, justamente para mostrar, nesse extremo, situações improváveis, mas que podem ser plausíveis, ou seja, têm alguma associação com o cotidiano social.

Em *Verde Gás*, por exemplo, ele narra um ataque de gás que dizima a humanidade e, apesar da ideia extrema e distópica, quem teve a oportunidade de ler a obra já chegou a fazer um paralelo da ficção com o mundo real. Ele explicou que dentro dessa história, com teor pós-apocalíptico, há referência e especulações da realidade. “O terror tem isso, da gente querer ver uma alegoria, um símbolo ou uma hipérbole da realidade, para

entender o quão próximo a gente pode estar disso”.

A obra, ambientada em João Pessoa, se caracteriza como um livro de ficção científica distópica, em que o personagem João vivencia várias passagens de terror. Ele, que é um arquiteto residente num condomínio fechado da capital paraibana, perde toda a família, amigos e vê o mundo se acabando por conta do gás venenoso. Mesmo assim, opta por enterrar os corpos e vasculhar a vida das pessoas, a fim de buscar respostas para o que está acontecendo.

Essa quantidade de mortos que João encontra na jornada, a expectativa para saber se há ou não sobrevivente, acaba trazendo passagens aterradoras ao livro, apesar de o autor frisar que essa linha de abordagem não foi algo programado. “Posso dizer que essa é a primeira vez que escrevo histórias com esses elementos em um livro. O terror não foi uma escolha, estou meio que dentro desse guarda-chuva e posso dizer que ele apareceu naturalmente”, pontuou.

‘Gótico Nordestino’

Diferentemente de Ricardo, o escritor, professor e crítico literário paraibano radicado em São Paulo, Cristhiano Aguiar, afirmou que na obra *Gótico Nordestino*, publicada em 2022 pela Companhia das Letras sob o selo Alfaguara, a ideia sempre foi abraçar a estética do terror. A publicação ga-

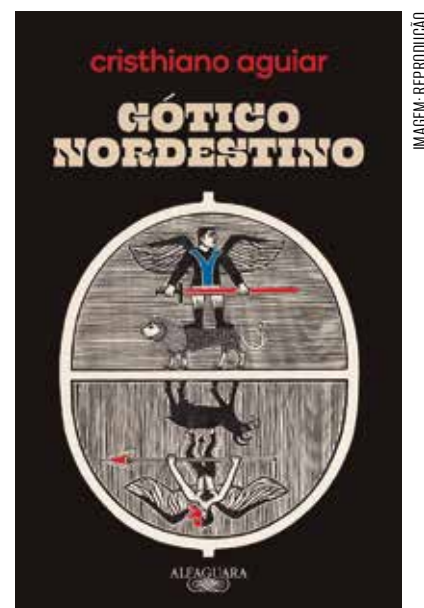


IMAGEM: REPRODUÇÃO

Terror no livro de contos de Cristhiano Aguiar é abordado pela dimensão psicológica dos personagens

nhou o prêmio de Melhor Livro de Contos em 2022 pela Biblioteca Nacional e foi eleita o melhor livro de contos pela revista literária *Bula*. A obra traz nove contos de terror com pitadas de ficção científica que se passam em cidades da Paraíba e de Pernambuco. “É um livro em que o terror é abordado pela dimensão psicológica dos meus personagens, por um lado, assim como pelas questões políticas atuais”, comentou o autor.

Há cerca de 15 anos dedicado à escrita, Cristhiano costuma se inspirar em produções cinematográficas e da TV, histórias em quadrinhos e em algumas referências literárias, como a poesia de Augusto dos Anjos. Ele declarou que, desde a adolescência, tem atração pelo gênero e por tudo o que é melancólico, gótico e sombrio. “Então, hoje vejo que em tudo que escrevi há uma dimensão que é herdeira do terror. Foi só com meu livro mais recente, *Gótico Nordeste*, que realmente assumi de forma mais explícita essa estética. Para mim, a literatura de terror é uma ferramenta fundamental para que eu expresse, em meu trabalho como escritor, questões existenciais e políticas”.

A natureza visionária do gênero, a capacidade de produzir imagens e situações inquietantes, bem como os efeitos de tensão e desestabilização que a estética proporciona são os elementos que mais fascinam o autor. “Não me interessa tanto os efeitos da repulsa ou do medo, embora ambos estejam no *Gótico Nordeste* de alguma maneira”.

E para quem está iniciando nesse universo, seja como leitor ou como criador de uma obra, Cristhiano deixa um conselho: “Se você é leitor, minha dica é abrir suas possibilidades de leitura e buscar, na literatura, no audiovisual, nos quadrinhos, poéticas do terror para além de grandes nomes como o de Stephen King, por exemplo. Se você é autor/autora, a dica é pensar que você está criando sua narrativa a partir de três contextos importantes, que não devem ser esquecidos: a Língua Portuguesa, a Literatura Brasileira e a América Latina.”



FOTO: ESTER CAROLINA / DIVULGAÇÃO

Nestarez: “Literatura de terror vai incorporando os medos de cada época, mas a forma como se escreve segue muito à risca aquilo que Poe fazia

“Nosso assombro com o que nós temos de perigoso, de escuro, é real. Por mais que sejamos boas pessoas, somos ambivalentes

Oscar Nestarez

Gênero que mais perturba o leitor

A natureza humana tem o lado perverso e o bondoso, mas a intensidade de um dos lados dessa moeda oscila, para mais ou para menos, em cada ser. Essa realidade emblemática é pauta de discussão secular de filósofos, teólogos e outros especialistas que abraçam o assunto. A literatura de terror explora esses sentimentos, a luz e as trevas, dualismos presentes em cada pessoa. Não é à toa que o gênero é visto como aquele que mais mexe com fatores psicológicos do leitor.

Esses sentimentos intrínsecos ao ser humano explicam, de certa forma, o motivo pelo qual, em pleno mundo globalizado, tecnológico e cético para muitas visões de outrora, um gênero que se alimenta de histórias aterradoras, de monstros (fantásticos ou humanos), e até de eventos sobrenaturais, se perpetua até hoje.

“O lado obscuro da face humana nunca vai se esgotar. Nosso assombro com os abismos interiores e com o que nós temos de perigoso, de escuro é real. Por mais que sejamos boas pessoas, somos ambivalentes. Acredito que isso nunca vai deixar de nos assombrar”, explicou o pesquisador Oscar Nestarez.

Ele enfocou que esse tipo de reflexão, nas mãos de bons autores e boas autoras sempre vai se renovar. “Digo isso porque o próprio Edgar Allan Poe trabalhava nesse território também. Ele tratava de muitas coisas do mundo exterior, mas também desse interior perturbado, atormentado, da crueldade dos personagens. Acho que, às vezes, é um problema nosso querer justificar atos monstruosos com algum trauma, com alguma coisa, quando, em muitos casos, não existem justificativas para isso”.

Para Nestarez, esse é um gênero que mais perturba o leitor. “Porque a perturbação tem que estar na essência de uma boa história de horror. A pessoa que escreve precisa ser a primeira pessoa perturbada por aquilo que deseja colocar no papel. Uma história de Horror, de Terror, não pode ser escrita por alguém que não se atemorizou com ela, com aquela ideia, que não se incomodou demais com aquilo. E aí, quando ela é bem-sucedida, expande essa perturbação entre os leitores e as leitoras”, completou.

Dentro dessa lógica, Nestarez explicou que o campo é bastante livre, mas o criador precisa de uma dose de responsabilidade pelo que está expressando. Porém, uma boa história de Terror não se esgota nas inquietudes que provoca, mas se dilata pelas ressonâncias capazes de abarcar, com medos e traumas que mexem com um coletivo. Nas narrativas atuais, não existem apenas aqueles espaços delimitados, como o universo da Transilvânia, do Drácula, porque há uma maior liberdade de caminhos a percorrer como as profundezas psicológicas do ser humano até os fatores climáticos, pauta atual, que dão margem para distopias e um futuro incerto.

Já para Cristhiano Aguiar, atualmente há um contingente de público seduzido menos pelas dimensões psicológicas e mais pelas questões sociais do gênero. “Com isso, não quero dizer que não se tenha interesse pelas questões íntimas, mas de alguns anos para cá parte do público começa a perceber o quanto o terror está sempre na vanguarda do comentário social. O corpo, a sexualidade e as tensões de classe são três instâncias importantes que têm chamado a atenção do público em inúmeros filmes de terror recentes, nacionais ou estrangeiros. No caso do meu livro, é também um dos elementos que mais chamam a atenção dos leitores e leitoras”, ressaltou Aguiar.



FOTO: RENATO PARADA / DIVULGAÇÃO

Cristhiano Aguiar: “A literatura de terror é uma ferramenta fundamental para que eu expresse, em meu trabalho como escritor, questões existenciais e políticas”

O horror da realidade

Ao falar sobre as inquietudes que o gênero provoca, Ricardo Oliveira relembrou um pensamento do autor Stephen King, de que o ser humano utiliza a narrativa do terror para tentar conseguir digerir o horror da realidade. De acordo com ele, esse exercício de transpor para o ficcional angústias e temores próprios, na busca de elucidações e alívios mentais, vem da história antiga do homem. “Esse é um exercício antigo do ser humano em geral, que revela o quanto estamos interessados em tentar entender mais sobre o desconhecido”.

Já o escritor, tradutor e roteirista Bruno Ribeiro comentou que o gênero causa tanto admiração como espanto no leitor, porque fala, por meio de metáforas e hipérboles, do próprio ser humano. “O terror é um gênero quase que realista, nesse sentido de identificação com o que está acontecendo hoje na sociedade. Quando você pega *Carrie, A Estranha*, do Stephen King, o que faz esse relato ser assustador não é o fato de a menina ter poderes psíquicos, mas o *bullying* que ela sofre na escola, a violência que ela sofre, ou seja, é algo real. Muitas das violências do terror que mais chocam os leitores se encontram nas partes reais dos livros. O terror entra lá quase como um tempero, como algo mais que você puxa para intensificar o Terror que já está ali.”

Cidade Morta

Ricardo Oliveira

ricardo@diversita.com.br

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SAUO



A primeira vez que percebi minha cidade morta foi antes da pandemia. Encontrei prédios falecidos, casas e edifícios comerciais antigos caindo aos pedaços, enrugados e mofados. Em minha tolice, estava apenas percebendo o todo de uma parte que já me era comum. A mente adestrada ao ordinário me leva a esse tipo de erro: não eram prédios mortos, mas uma cidade inteira.

Mas, cidades não são prédios. Prédios são construídos por gente e contam histórias de pessoas. Não são poucos os contos que falam sobre essas paredes com bocas tampadas por habitantes de outros tempos. Sangue, suor e lágrimas. Divórcios, assassinatos, torturas. Quem sabe, até algumas alegrias. Mas não era isso que eu via.

Eu reparava no mato alto do terreno onde já estive um posto de gasolina. Nos grafites que tomavam os muros de dentro de prédios históricos que ruíram. No telhado caindo e trepadeiras subindo. Os prédios pareciam mais vivos do que eu imaginava, afinal. Pessoas e plantas passavam por ali, exatamente como nos edifícios não falecidos.

Vendo esses lugares da janela do carro, me perco imaginando como são por dentro. Contenho a vontade de entrar em um desses prédios para explorar, viajando nos quartos, nos armários de cozinha, nas salas com paredes arredondadas e vitrais nos palacetes das Trincheiras. Alguns têm escadas caracol que dão para o andar de cima, outros têm saletas de estar feitas abaixo do nível do piso principal da casa, sabe-se lá por quê. Outras têm entradas separadas para empregadas, dando direto na área de serviço e no quartinho dos fundos. Um quarto tão pequeno que parecia menor que o banheiro da suíte principal. Na suíte dessa casa estava Neide, que vivia ali há alguns anos. Era tudo o que tinha — se é que pode-se dizer que tinha. Neide e o companheiro, me contando que um dia já trabalhou numa casa assim, ali pela orla, não sabia bem. Uma piscina grande, dizia Neide. Eu tinha que limpar todo dia, dizia seu esposo, que era o caseiro. Mas ninguém entrava todo dia, às vezes nem toda semana. Neide contava que viviam na casa e dificilmente saíam no fim de semana, geralmente tinham que estar presentes para servir nos churrascos, quando os donos finalmente usavam a piscina. Quando finalmente jogavam na quadra de futebol, dizia Neide. Como alguém podia ter uma casa tão grande se a usava tão pouco, ela me perguntava. Foi tudo virando prédio, viu. Mas as antigas estão aqui, caindo aos pedaços. Deve ser disputa de herança, ela refletia. Deve ser, Neide.

Começo a ouvir uma buzina alta de dentro da casa, alguém irritado. Tomado pela perturbação, não lembro de ter visto carro nenhum. A garagem estava cheia de mato alto. A buzina seguia apitando, eu seguia aflito ouvindo Neide, sem entender de onde vinha o som. A buzina parou e comecei a ouvir uma batidinha abafada, mas aguda. Aumentava em intensidade e vinha da janela do quarto grande, da suíte onde estava ouvindo Neide e seu companheiro. Andei até lá, mas não vi ninguém. Virei a cabeça para perguntar a eles se também ouviam o que parecia alguém batendo no vidro da janela, mas eles já não estavam mais ali. Virei a cabeça de novo e vi pelo vidro do carro uma pessoa irritada apontando para frente. E olhando adiante, o semáforo no verde. As buzinas apitavam outra vez.

As dores do autor expressas na trama

Quando um autor assina uma obra de terror, pode estar simbolizando na trama, mesmo por meio de situações e personagens fictícios, os dilemas pessoais. Um exemplo dessa postura pode ser visto nas experiências do escritor mineiro, radicado na Paraíba, Bruno Ribeiro. Criador, entre outras obras, de *Porco de Raça* (2021/Darkside) - um dos 10 finalistas do Prêmio Jabuti em 2022 -, Bruno começou a escrever há mais de 10 anos, ainda na adolescência. E desde essa época, as histórias já se enveredavam pelo gênero aterrorizante, sobretudo sob um olhar voltado para a ficção transgressiva.

A identificação precoce com essa narrativa, segundo ele, partiu das experiências pessoais. “Comecei com o terror muito porque as coisas que eu passava tinham toques de terror, como o *bullying* que eu sofria na escola, o racismo. Eu me descobri negro através das violências que eu sofria, do racismo. E muito disso foi o pontapé que me fez querer adotar o gênero, porque muito da minha existência já era mergulhada nele”, afirmou Bruno, que também é tradutor e roteirista.

Porco de Raça é uma daquelas obras que mistura terror, literatura fantástica e ficção distópica num caldeirão de denúncia social e uma boa dose de entretenimento. Não foi à toa que foi vencedor do Prêmio Machado, da Darkside, e chegou à final do Jabuti. Nessa obra estão representados, mais uma vez, a vivência, os traumas do autor. “O meu objetivo com *Porco de Raça* foi falar do racismo no Brasil. Eu coloco lutas no livro, imagens fortes, muito terror também. Mas, no final das contas, o meu grande objetivo é falar do racismo. E muito do que eu escrevo está nessa chave. Eu uso o Terror como uma desculpa para falar de nós enquanto sociedade”, ressaltou.

Quando mais jovem, ele disse que começou a construir sua bagagem literária lendo autores como Chuck Palahniuk e Don DeLillo, escritores americanos dedicados à crítica social, com abordagens mais violentas. Depois, ele voltou-se a nomes brasileiros

a exemplo de Rubem Fonseca, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus e, assim, foi obtendo conhecimentos sobre a sociedade brasileira e os rumos que iriam consolidar sua jornada como escritor. O terror veio pelas obras de criadores como Clive Barker e Stephen King.



FOTO: MARCINHA LIMA / DIVULGAÇÃO

Bruno Ribeiro, autor de *Porco de Raça*, mistura de terror com ficção científica distópica: “O meu objetivo com esse livro foi falar do racismo no Brasil”

“Comecei com o terror muito porque as coisas que eu passava tinham toques de terror, como o bullying que eu sofria na escola, o racismo”

Bruno Ribeiro

Bruno Ribeiro também é autor de títulos como *Arranhando Paredes* (2014), *Febre de Enxofre* (2016), *Glitter* (2018), obra finalista da 1ª edição do Prêmio Kindle e Menção Honrosa do 1º Prêmio Mix Literário. Ainda vale citar *Bartolomeu* (2019) e *Como Usar um Pesadelo* (2020).

Para 2024, mais surpresas. Estão saindo do forno, ou melhor do selo Alfaguara, dois romances. Um deles, ele guarda segredo, mas adiantou um pouco da trama de um desses projetos: “O que está mais próximo de sair, talvez saia em 2024, se chama *O Dono e o Mal*. É um romance sobre uma família de negros aqui no Brasil. Eu conto a história deles desde a década de 1960 até os dias de hoje. E de como eles foram assombrados por uma entidade chamada O Inglês. É uma espécie de colonizador espiritual que destrói a mente e o corpo de famílias negras há séculos. Vou contar especificamente a história dessa família e como eles vão fazer para parar essa entidade. Eles vão bater de frente com ela”.

Quarto

Bruno Ribeiro

escritacriativacombruno@gmail.com

“Não vai demorar”, disse o diabo.

Eu sabia que era o diabo. Você não tem dúvidas quando o vê. Ao redor era o inferno. Eu sabia. Mãe sempre disse que meu lugar era aqui. Meu irmão. Esposa. Vizinho. Todos diziam. Até você. Só não imaginava que o inferno era um quarto. O quarto era pequeno, branco, e o diabo fumava um charuto fedorento enquanto me olhava, encostado em uma parede larga. Uma música de elevador saía das caixinhas de som que ficavam no chão. Ao lado do diabo, havia uma porta preta cheia de cadeados e o cheiro do local lembrava um banheiro de boteco.

“Se aproxime.”

Ele lembrava um homem morrendo de fome. Seus ossos saltando da carne. Olhos cheios de raízes róseas, bolinhas de gude ocas, quebradiças. Ele não tinha orelhas, seus lábios eram duas minhocas roxas e no lugar de suas unhas havia agulhas. No fundo, senti pena. Havia dor ali. Muita dor.

“E agora?”, perguntei.

“Agora”, o diabo não tinha sentimento na voz, “você será torturado”.

“Por quanto tempo?”

Ele não respondeu. Meu corpo paralisou e suas unhas avermelhadas e pontudas entraram e saíram, entraram e saíram, entraram e saíram da minha glândula peniana. Meus gritos fizeram um eco no quarto. Ele me socou, engoli alguns dentes e um gosto amargo tomou conta do meu paladar. Ele continuou me socando até eu vomitar minha bile.

“A próxima parte será pior”, disse o diabo.

As minhas roupas de marca

ILUSTRAÇÃO: DOMINGOS SAVIO



foram destroçadas por uma dentadura que surgiu do estômago dele. As mordidas arrancavam pedaços da minha carne, sem pressa, degustando cada músculo e osso. Ganchos saíram do teto e foram fincados em meus tornozelos, fiquei erguido naquele banho de sangue que escorria dos restos, enquanto as dentaduras dilaceravam meu corpo por anos. O diabo lambeu seus lábios de minhoca e disse que a verdadeira dor iria começar ainda.

Assim foi.

Todos os desvios, mentiras que contei aos outros e para mim, as dores que causei ao próximo, resumindo: os meus pecados. Tudo foi saindo de dentro de mim, pedaço por pedaço. O diabo gargalhava. Seus olhos sem vida me faziam ter ânsia, eu vomitei e quando jorrei meus medos senti um gosto de ferrugem: era meu intestino grosso que estava saindo pela garganta. Ficou entalado, então forcei o vômito e um líquido verde e consistente foi expelido: um miasma que serviu de lubrificante para o meu intestino sair de uma vez por todas. Ele ria enquanto o interior do meu corpo saía pela boca.

O diabo arrancou minha vida, momento por momento, e duraram décadas, milhares de décadas. A tortura corporal era doce perto do que se seguiu. Acabou, mas assim que acabou iniciou novamente. Minha voz havia mudado. Minha carne. Tudo. Quando acabou de novo, milhões de séculos depois, eu implorei para o diabo me matar, mas ele disse: “novamente”.

Eu gritei. Gritei por um bom tempo.

“Novamente”, disse meu algoz.

A dor não cessava.

“Novamente.”

Era como descascar uma laranja em câmera lenta e, depois, cobri-la com a casca em câmera acelerada. Eu aprendi as consequências do pecado. Essa foi a pior lição.

“Perdão”, disse.

“Novamente.”

Contei a história da minha vida, do nascimento à morte, de trás para frente. Eu abri meu coração, literalmente. Eu era um novo homem, juro que era, um ser pronto para ir ao céu. “Estou pronto, diabo, eu realmente me arrependo de tudo que fiz, estou pronto!”.

“Novamente.”

Não conseguia mais gritar.

“Novamente.”

Quando despertei, aguardei a voz gélida dizer “novamente”, mas nada foi dito. Levantei e olhei ao redor do quarto branco: eu estava sozinho. Observei a porta preta e os cadeados estavam caídos no chão.

Após alguns minutos de tempo morto, a porta foi aberta. Um homem branco com roupa de marca e aroma agradável entrou. Havia choque em sua expressão.

O homem andou lentamente pelo quarto e parou na minha frente. Quando eu vi o desespero nos olhos dele, eu entendi. Tudo estava claro agora na minha cabeça. Segurei o riso e o observei com atenção e cuidado.

“Não vai demorar”, eu disse para o novato.

Vida longa às histórias assustadoras

Diante de um público cativo e mentes criativas para trabalhar as várias abordagens do medo, tudo indica que a literatura de terror continuará por muito tempo nas prateleiras das estantes físicas ou virtuais mundo afora. “Com certeza tem vida longa. Os livros estrangeiros sempre foram muito lidos, basta pensar nos grandes nomes como Anne Rice, Stephen King, Clive Barker, Neil Gaiman, Alan Moore, enfim, nomes que estão sempre entre os mais vendidos”, afirmou o pesquisador e escritor Oscar Nestarez.

Ele contou que, mais recentemente, houve a descoberta das autoras latino-americanas e, aos poucos, estão se destacando os escritores brasileiros, como Cristhiano Aguiar. “Então, o terror é pop. O Edgar Allan Poe e o H.P. Lovecraft estão sendo sempre relançados”.

Não é à toa que projetos nessa área não param. O próprio Cristhiano Aguiar já está concluindo um conto inédito, publicado pela editora O Grifo, para o segundo volume da antologia *O Novo Horror*. A obra foi organizada por Irka Barrios, Daniel Gruber e Ismael Chaves e tem, entre os autores, o nome de Aguiar. A publicação deve sair até meados do próximo ano.

Para 2024, Cristhiano ainda tem, quase pronto, um livro de ensaios sobre literatura brasileira e dois projetos de ficção. “Um deles é bem situado na estética do terror”, revelou. Sobre a receptividade do público, ele disse que no cinema e na Literatura há um público fascinado e fiel ao Terror, e todo ano dezenas de obras são lançadas nesses dois meios. “No entanto, acho

que, só mais recentemente, o público brasileiro passou a consumir com uma maior frequência a produção nacional de terror, seja no cinema, ou na literatura.”

No caso de Ricardo Oliveira, a prioridade no âmbito literário foi lançar *Verde Gás* neste mês de dezembro, inclusive com agenda de apresentação da obra na Livraria A União, no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa.

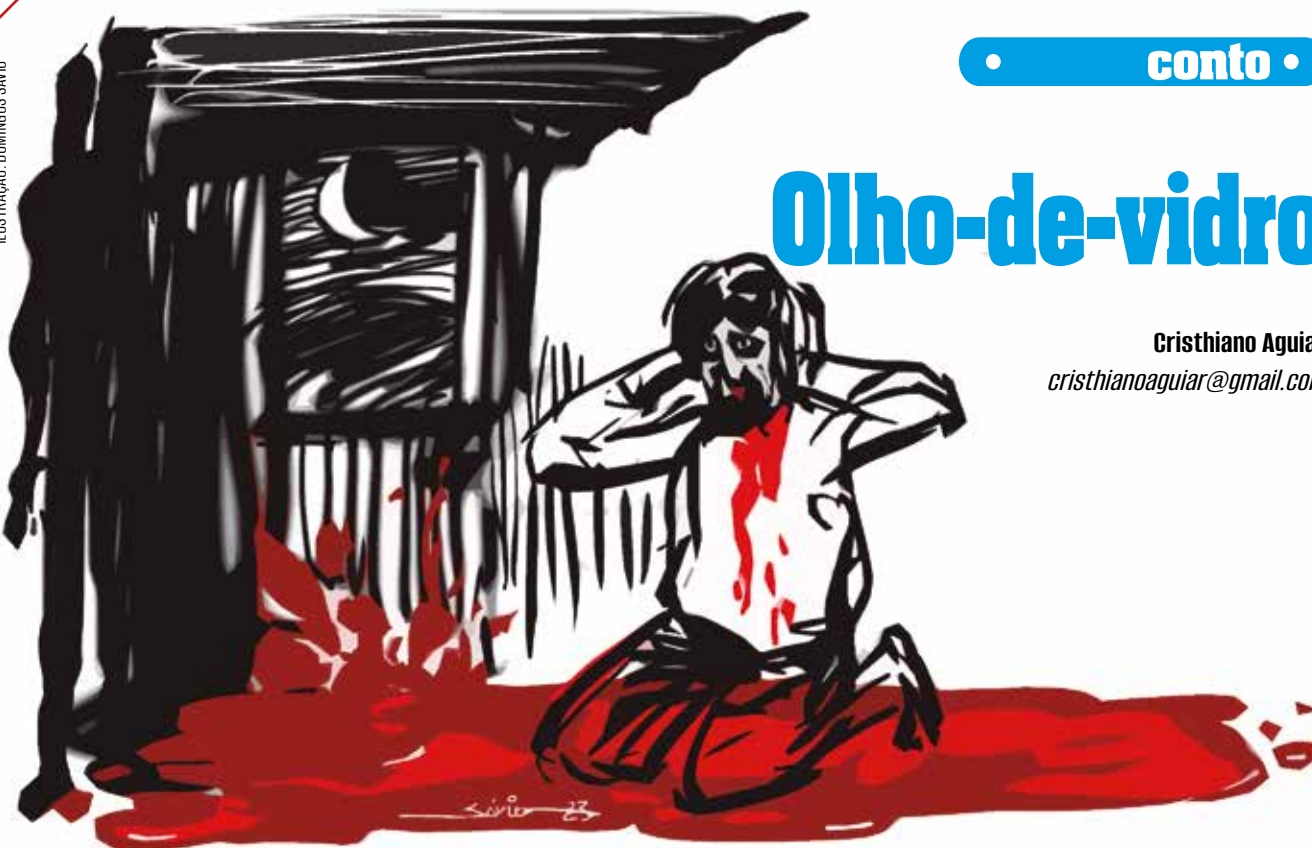
Mesmo após esse lançamento, ele disse que pretende realizar outros projetos relacionados ao livro. “A expectativa é que, após o lançamento, ele seja levado para outros lugares, para circular em outras cidades e estados. Os planos são de trabalhar isso, conectando aos outros elementos narrativos que estão no entorno da obra. Então, comecei a produzir vários outros elementos narrativos que ajudam a dialogar com a publicação como o caderno de João (personagem principal de *Verde Gás*), o mapa do condomínio onde ele mora, que tem elementos visuais interessantes para complementar a narrativa. Todos esses elementos serão destrinchados nos próximos meses para reforçar o lançamento, e ajudar na experiência da leitura.”

Mesmo sem detalhar, Ricardo afirmou que vai continuar exercitando suas criações e que “sempre tem como motivação escrever um próximo romance”.

Há uma descoberta das autoras latino-americanas e, aos poucos, estão se destacando os escritores brasileiros, como Cristhiano Aguiar

Olho-de-vidro

Cristhiano Aguiar
cristhianoaguiar@gmail.com



(*Câmeras ligadas. O delegado começa a falar:*)

Teve esse cabra ruim, tão ruim que no crime tinha apelido de Zé Alminha. Rodou, não foi, nos grupos de zap os vídeos da família toda morta e só ele vivo, gritando no escuro, apertando com as duas mãos a própria cabeça.

Zé Alminha foi policial ruim, acabou expulso da corporação. Daí entrou em esquema de gangue de banco, mas era tão doido, tão desmantelado, que quase sai morto pelos próprios cujos dele. Se juntou com outras peças boas pra matar pra vereador, pra dono de terra, pra traficante. Muita gente tinha medo dele, até por causa de quem valia por ele. Eu conheci ele. Olho de vidro, eu dizia pros colegas. Matador tem esse olho de vidro, porque gente que nem ele tá seco lá dentro, tu não acha? A gente encara um olho-de-vidro e o que vê? Nossa alma de volta. A nossa alma arrepiada e retorcida.

Teve então um serviço.

Era risco, porque podia trazer atenção de mídia, mas o bicho era doido e foi lá e fez. Envolvia negócio de herança. A gente sabe que o mando foi de um vereador, que tá preso, a vítima era parente, era uma senhora que morava sozinha num sobrado em Olinda. Diziam que a véa era bru-

xa, todo mundo no bairro evitava a desgraçada. Zé Alminha e mais três elementos invadiram a casa antiga. Acharam a mulher ajoelhada, com velas acesas no chão, uns desenhos esquisitos no piso, uns livros com desenhos estranhos.

Um dos elementos confessou que teve medo, tentou convencer Zé Alminha a desistir. Falou de encosto, São Cipriano, magia, bruxaria. Até porque a mulher encarava os bandidos com ódio, olhos faiscantes e com um sorrisinho. Outro elemento disse que Zé Alminha até duvidou se deviam prosseguir. Ela apanhou muito, mas não reclamou. Mataram ela no fim. Bom, vocês sabem né? Porque pra Zé Alminha, quem contrata tá buscando uma mensagem. Passional. Por isso ele cortava cabeça e humilhava os cadáveres. Se era mensageiro, tinha de ser mensageiro da morte apaixonada.

Foi depois do serviço que Zé Alminha enlouqueceu, ou ficou amaldiçoado. Vocês escolhem. Não devia ter mexido com a bruxa, não devia, os comparsas repetiram várias vezes. Porque no bar, no supermercado, na academia, na praia, ele de repente vinha com visões. Da cabeça dele rolando pelo chão. O homem às vezes gritava de dor! Dizia que sua cabeça tava sendo degolada. Aí o negócio

passou pra filha caçula. A menina gritava na escola, ou batia a cabeça na parede de casa. Foi pro filho também e no final pegou na mulher dele, ouvi falar que ela menstruava sem parar, quase foi internada.

Pense: uma família gritando, batendo cabeça, desmoronando. Isso durou o quê umas duas semanas? Foi.

Não tenho pena.

Na noite que gravaram os vídeos que viralizou, alguém chamou a polícia.

O bandido tinha uma casa na praia no Cabo de Santo Agostinho. A vizinhança demorou pra abrir o bico. Na noite do ocorrido, vizinhos admitiram terem ouvido gritos, além dos choros das crianças. (*O delegado hesita. Pede uma água. Fixa o olhar na câmera. Zoom*). Alguém disse ter visto uma Sombra Encurvada. Isso. Assim mesmo: encurvada.

Foi essa a cena que a polícia encontrou: as crianças sem cabeça, a mulher sem cabeça. Sangue por toda casa, só que espalhado num capricho. Sem arma do crime. As cabeças sumidas até hoje. Hein? Positivo, nunca se encontrou. Até hoje.

No centro da sala, ele ajoelhado.

Zé Alminha ajoelhado e gritando.

Segurava a própria cabeça com as mãos e dizia: ai ai ai ela vai cair, ela vai, basta só eu soltar.

Face engraçada do medo

O riso e o medo são comumente elementos opostos, mas mesmo no universo do Terror há espaço para tiradas engraçadas. O autor de *Verde Gás*, Ricardo Oliveira, declarou que todo gênero sério sempre terá espaço para o humor, porque ninguém é sério o tempo todo, nem em um funeral.

“Em um funeral, a gente está conversando e, em algum momento, você se desloca daquele contexto e começa a falar de como foi o dia, como está o filho, o sobrinho e, de repente, dá aquela risada. Então, a gente usa isso como elemento de alívio”, comentou.

Ele disse que no seu romance de estreia há momentos assim. “Tanto do próprio personagem principal, refletindo sobre o que está acontecendo, como em outros contextos, em *flashbacks*, em que o humor vai estar presente”.

Outros autores também concordam que a comédia é algo que não está dissociado do gênero amedrontador. Segundo Cristhiano Aguiar, que também é crítico literário, uma narrativa de terror pode preservar seus próprios originais e, mesmo assim, incorporar a comédia sem qualquer prejuízo à obra. Essa pode ser uma estratégia para aliviar a tensão da história ou para ressaltar a dimensão irônica das situações narrativas. “Em *Gótico Nordestino* existe o humor, em especial no campo das ironias”, acrescentou Cristhiano.

Há quem vá mais além, como o escritor Bruno Ribeiro, e diga que “o humor e o terror são quase primos”. Ele afirmou que o ator e cineasta norte-americano Jordan Peele, diretor de *Corra*, tem uma frase conhecida sobre o assunto. “Ele diz que a diferença do terror para a comédia está na trilha sonora. E é muito interessante porque o Jordan Peele vem da comédia. Acho que ambos trabalham com apertar os botões certos de um leitor ou de um espectador. São algo muito visceral, esses gêneros. E, com certeza, dialogam bastante. Muito do meu terror tem humor. Com exceção, talvez, do livro reportagem que eu lancei recentemente (*Era Apenas um Presente Para o Meu Irmão: A Barbárie de Queimadas*), todos os meus livros de ficção têm muito humor também. Eu não consigo gostar de um autor que não tenha bom humor. É uma ferramenta de crítica, inclusive, fundamental. Saber rir é uma forma crítica. Saber rir é também uma forma de atacar, e está totalmente ligada ao terror.”

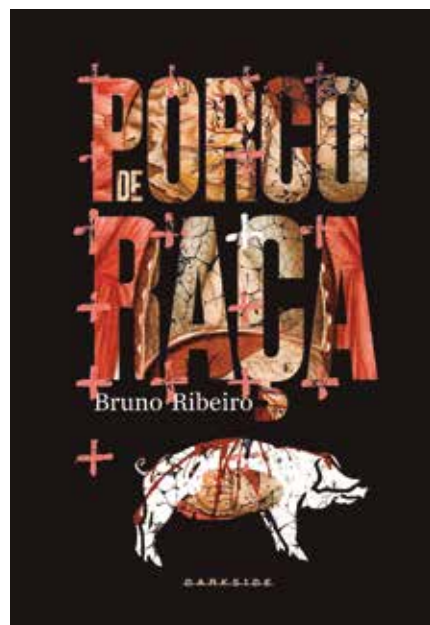


IMAGEM: REPRODUÇÃO

Finalista do Prêmio Jabuti, obra envereda pela literatura de fantasia para misturar denúncia social com entretenimento

Saber rir é uma forma crítica. Saber rir é também uma forma de atacar, e está totalmente ligada ao terror

Bruno Ribeiro

Vera se vai

Isabor Quintiere
iquintiere@gmail.com



Não foi bem o tempo quem encontrou Vera, como tende a fazer com a maioria das criaturas vivas; também não foi bem Vera quem encontrou o tempo, pois, quando passou por ele, sequer o percebeu ou dirigiu a ele o mais vago dos olhares. Vera vivia muito de agoras, e embora o tempo seja feito de infinitos agoras em rápida sucessão, Vera parecia rejeitar a ideia de viver dele. Aquilo era um paradoxo até mesmo para ele, a mais paradoxal das coisas já concebidas pelo Universo, mas convenceu-se de que tudo é uma questão dele mesmo e deu-se a si próprio enquanto nutria noite e dia a expectativa de chocar-se com Vera e fazer-se visto por Vera e em Vera.

Ela era uma mulher ocupada, atarefada, não tinha tempo; mas se ela quisesse tê-lo ele alegremente se entregaria a ela, foi a conclusão a que ele chegou enquanto a observava com seus olhos de quarta dimensão. Lembrou-se com carinho e onisciência de Vera quando criança e da forma como ela enrolava os segundos em sua língua enquanto os amigos iam procurar onde se esconder durante o jogo: um... dois... três... quatro..., e o tempo ia escorrendo por entre aquelas palavras, quase cogitando rejeitar

o resto de sua existência dimensional. Por que ser trilhões de anos, se poderia ser dez segundos na voz de Vera?

Na adolescência de Vera, o tempo esticou suas pernas e reformulou seu corpo com agilidade tal a ponto de fazer parentes a olharem espantados e comentarem “mas como você cresceu rápido!” – comentário esse que orgulhava o tempo, vendo-se impresso e resultante em Vera. Depois passou a manifestar-se mais sutilmente, mantendo distância da matéria física dela até o dia em que fez brotar os primeiros pés-de-galinha, juntamente aos primeiros enterros de parentes próximos, e testemunhou assim a crise de meia-idade de Vera, ela se desfazendo em lágrimas e pedaços no chão frio do banheiro. Quase contorceu-se em si próprio na ansiedade de que ela percebesse enfim todo o peso do tempo sobre sua cabeça, e os olhos de Vera quase encontraram o abismo dos dele, chegaram a milímetros excruciantes de sentir a contagem regressiva dos anos, mas, antes que alcançasse ponto tão destrutivo, ela piscou e desviou a cabeça, de volta à urgência viva do seu agora. Reergueu-se e deixou o tempo, miserável e condoído, tentando em vão agarrar-se aos seus calcanhares.

Os pés-de-galinha em breve receberam a companhia de rugas e os enterros se multiplicaram na agenda de Vera. O tempo, constante, permanecia solenemente ao seu lado, exercendo em silêncio sua função. Criou por ela uma admiração passiva, paciente: o futuro era parte dele, portanto ele o conhecia e sabia assim o fim da Vera que ele agora assistia mover-se reumática e grisalha pelo lar. Sempre soube, porém havia antes sido acometido pela paixão e, com ela, pela urgência de possuir – desejo humano que não diz respeito a uma dimensão. Talvez desejasse ser humano para ser como Vera, aquela Vera que contava os segundos em sua infância perdida, aquela mesma Vera que enfim o olhava nos olhos em seu leito de morte e parecia recontar os anos de sua vida com a mesma infantilidade dos jogos de criança, com a mesma inocência que o tempo há tempos não via.

O tempo sentou ao lado de Vera e, enxergando-se na pele anciã dela, percebeu que um dia ter desejado fazê-la sentir seu peso carregado de mortalidade e finitudes não passava de tolice apaixonada, bobagem antiga: afinal o tempo é leve, leve, e sendo leve leva todas as coisas. Vera ele fez questão de carregar nos braços.

Magia e fantasia unidas ao terror

Formada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a pessoense Isabor Quintiere cria histórias desde que aprendeu a escrever. O primeiro livro publicado foi em 2018 - *A Cor Humana*, da Editora Escaleras - e de lá até agora já participou de coletâneas nacionais, como *O Novo Horror* (O Grifo) e *Geração 2010: O Sertão é o Mundo*, da Editora Reformatório. Nesse mês de dezembro, ela fez o segundo lançamento de *Rituália*, Editora Caos e Letras. A primeira apresentação de seu segundo livro foi em março.

A obra reúne 14 contos incluídos na literatura fantástica, englobando também o realismo mágico, gênero caracterizado por enredos que citam o cotidiano dentro de um universo irreal e cheio de fantasia. Nas páginas da obra, o leitor também vai se deparar com o terror. “Nos contos de *Rituália*, assim como nos de *A Cor Humana*, eu brinco muito com isso, revertendo o normal e banal pelo estranho e insólito. Gosto de usar a palavra ‘brincar’ porque acredito que esse tipo de literatura permite uma maior diversão no criar”, contou.

Segundo Isabor, as histórias que escreve sempre acabam voltadas para o Fantástico, o Terror e a Ficção científica. O interesse dela pela Literatura nasceu de uma infância muito pacata e caseira, onde vivia aventuras e visitava novos lugares por meio dos livros. “Minha família sempre foi de pessoas que liam e estudavam muito, então eu tive essa influência positiva”.

Na nova obra, a maioria dos contos possui algum elemento relacionado a divindades, idolatria, obsessão e devoção. Ao falar sobre a relação do terror com o realismo mágico ou a literatura fantástica, a autora disse que, ao seu modo, o terror pode se encaixar como parte do gênero de literatura fantástica. “Sou fascinada pelo terror na literatura, mais ainda do que por suas representações no audiovisual. Acho que requer um trabalho primoroso por parte do escritor para conseguir converter palavras em sensações de desconforto, medo e suspense”.



FOTO: ROAN NASCIMENTO/DIVULGAÇÃO

Isabor Quintiere mostra a capa de ‘Rituália’: “Brinco revertendo o normal e o banal pelo estranho e insólito”

Requer um
trabalho
primoroso por
parte do escritor
para conseguir
converter
palavras em
sensações de
desconforto

Isabor Quintiere

Entre os 14 contos inseridos em *Rituália*, ela frisou que vê a história de ‘Os novos residentes’ como a trama de terror mais emblemática, cujo protagonista é um personagem cego perfeitamente autônomo. Ele mora sozinho, em uma grande casa, e se acostumou a todos os sons e espaços dela.

Em determinado momento, porém, sons estranhos começam a surgir

em diferentes ambientes da residência, objetos trocam de lugar e ele passa a ser consumido pela dúvida, se está imaginando coisas ou se há um intruso no local. “Esse conto é uma descida à loucura, e eu aproveitei para escrevê-lo sem usar qualquer descrição visual, apenas de outros sentidos como audição, olfato e tato, para que a experiência do personagem fosse mais vívida para o leitor”, comentou.

Apesar desse ser o segundo livro solo da escritora, ela já guarda no currículo reconhecimentos como o Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica (2019), pela criação do conto ‘Madres’, contido em *A Cor Humana*.

Sobre *Rituália*, ela já tem expectativas positivas. “Confesso que estava um pouco apreensiva sobre como seria a recepção, porque os leitores já possuem certas expectativas para um segundo livro. Felizmente, ele tem recebido avaliações consistentemente positivas e já foi fruto de discussão para leituras coletivas em diversos clubes na Paraíba e em outros estados”.

Diálogo com o universo queer

Quando se fala que o campo de exploração da literatura de terror contemporâneo é vasto e que o gênero pode dialogar com outros tipos de narrativas, exemplos não faltam para justificar a teoria. Um dos aspectos do terror é a sua dimensão *queer*, abordagem necessária, sobretudo em tempos de constantes demonstrações de desrespeito pela comunidade LGBTQIAPN+.

O roteirista, escritor e tradutor Eric Novello, natural do Rio de Janeiro (residente em São Paulo), trabalha com esses elementos e traz mais detalhes sobre esse universo *queer*. “Numa leitura mais direta, o horror *queer* é aquele escrito por pessoas queer e/ou que traga personagens claramente queer em suas histórias. Mas, como nossa sexualidade é fluida e cheia de aprendizados ao longo do caminho, acredito que devemos ser flexíveis com o primeiro ponto”, destacou.

Segundo ele, dentro do campo subjetivo, um horror/terror *queer* também pode abordar temas e personagens através do seu subtexto, lançando mão das metáforas permitidas pelo gênero. Por exemplo, um monstro não precisa frequentar um barzinho *gay* para ser lido como uma representação de uma pessoa LGBTQIAPN+. Há ainda a possibilidade do perfil dos personagens ser construído no decorrer da obra, ou parta da identificação do leitor com os personagens.

Ao falar sobre a faceta do terror *queer*, Novello destacou a narrativa insólita como uma forma de desobediência à realidade. “Uma realidade que, por sua dominância normativa, renega nossa existência. Mas, a potência da palavra *queer* é justamente fugir das definições. Dentro e fora da literatura, gênero é performance e contém em si seu próprio impulso transgressor”.

O escritor explicou que a sexualidade como parâmetro de identidade é um debate relativamente recente. Essa abordagem não existia nos séculos 18 e 19 como um conceito cultural, da maneira como existe hoje. Porém,



FOTO: ARQUIVO PESSOAL / ERIC NOVELLO

Eric Novello: “Ser uma pessoa *queer* numa sociedade ‘QUEERfóbica’ é uma experiência de horror”

“O terror *queer* também nos ajuda a questionar quem colocamos no papel de herói e de monstro das nossas histórias

Eric Novello

quando se olha para o passado, é possível encontrar aspectos queer em obras fundamentais, que estão na origem da literatura Gótica e de Terror. Hoje sabe-se que, muitos desses autores, tinham relação com essa realidade, seja questionando violências de gênero ou reprimindo seus próprios desejos.

Não são poucos os títulos que se enveredam por essa temática. Um deles é *O Monge* (1796), escrito por Matthew Lewis, um dos precursores da literatura gótica. Segundo Novello, já nessa época, ele falava sobre a perseguição sofrida por quem se sentia atraído por pessoas do mesmo sexo, e trazia uma carga homoerótica nas entrelinhas. Já o livro *Frankenstein* (1818), de Mary Shelley, nos apresenta um ser que quer amar, mas não é amado pelo próprio pai. “Pai esse que, embora seja um homem, é capaz de gerar vida. No fim, como todo monstro, acaba sendo perseguido por

aqueles que não o entendem”.

Em *Carmilla* (1872), de Sheridan Le Fanu, uma vampira sai a caça, especificamente, de mulheres, com o desejo de seduzi-las. De acordo com Eric, diz-se que *Drácula* (1897), de Bram Stoker, foi escrito sob influência da prisão de um amigo próximo do autor, ninguém menos que Oscar Wilde. “Seu vampiro bebe o sangue de homens e mulheres e tem uma relação clara de dominação com seu laçao, Renfield”.

Esses são apenas alguns exemplos da presença do mundo *queer* na literatura e sua associação com o terror. “Como se vê, o terror e o *queer* sempre caminharam juntos. O que faltava era movimentar esse debate com mais afinco”, enfocou Novello.

Ele ressaltou que toda ficção é um recorte da realidade, uma ferramenta de organização e reflexão do cotidiano. Dentro desse contexto, o escritor defende que quanto maior a presença de personagens *queer* nos gêneros literários, mais relevante será, “pois traz para a luz do dia pessoas que, por muito tempo, foram empurradas para as sombras”.

Esses personagens, agora, já ocu-

pam nos livros lugares comuns da sociedade, defendendo seus espaços, mesmo ainda diante das discriminações que ainda existem. “O *queer*, que era sempre o outro, passa a ocupar seu lugar de filho, mãe, avô, vizinha, neto. Pode ser pesquisador, professora, engenheira, ator, motorista, ídolo pop, e se torna uma pessoa real. Passa a existir na comédia romântica, no drama, no suspense, como um personagem de história própria, e não uma escada de construção para um protagonista normativo, cisgênero e heterossexual. O terror entra nessa equação de maneira potente, ao permitir a quebra da idealização desses personagens”.

Segundo Novello, no terror a pessoa *queer* pode ser imperfeita, tanto herói como monstro. O gênero permite que a comunidade LGBTQIAPN+, representada na escrita dos autores, externe seus próprios conflitos e explore “toda escala cinza de construção de imaginário, abandonando extremos irrealis”.

“Dentro do gênero podemos falar de intolerância contra nós, mas também de problemas que acometem a própria comunidade. Por exemplo: uma história de violência doméstica com um

casal *queer*, ou, simplesmente, sermos pessoas *queer* lidando temas comuns a todo ser humano. Ou seja, não é uma questão de escrever histórias para ajudar a sociedade a nos aceitar. E sim de escrever para sermos livres.”

Ele declarou que, em pleno século 21, ser uma pessoa *queer* numa sociedade “QUEERfóbica” é uma experiência de horror, ou seja, um ser humano obrigado a agir como vampiros disfarçados entre os mortais, seguros enquanto conseguem proteger seu “segredo”, mas perseguido se revelar suas peculiaridades. E para sobreviver, eles se dividem em duas identidades: a pública e a privada, a diurna e a noturna.

“O terror *queer* também nos ajuda a questionar quem colocamos no papel de herói e de monstro das nossas histórias. Ao mesmo tempo, nos permite fugir do didatismo panfletário e abraçar nossa própria monstruosidade. Uma história de terror pode ser escrita para tratar de um tema pesado ou, simplesmente, porque monstros são personagens muito divertidos. De vez em quando, é bom ser o vampiro que existe acima das regras da sociedade.”

O gênero permite que a comunidade LGBTQIAPN+, representada na escrita dos autores, externe seus próprios conflitos

Destaques de obras do Terror Queer

Autor dos livros *Neon Azul* (2010), *A Sombra no Sol* (2012), *Exorcismos*, *Amores e Uma Dose de Blues* (2014), bem como *Ninguém Nasce Herói* (2017), Eric Novello, selecionou para os leitores do **Correio das Artes** alguns livros de terror *queer*. Entre as obras brasileiras, ele destacou *Corpo Desfeito*, da premiada autora Jarid Arraes. Trata-se de um romance voltado para o público adulto.

“Ele acompanha uma pré-adolescente obrigada pela avó a cultuar uma estátua da mãe morta e é submetida a uma repressão violenta da sua identidade e do nascimento do seu desejo, algo infelizmente familiar a muitas crianças *queer*.”

Para o público jovem adulto, ele mencionou *O Fantasma Entre Nós*, de Gih Alves, e *Visão noturna*, de Franklin Teixeira. As obras têm como diferencial o entrecruzar do horror e a vivência *queer*, mas de maneira leve, abordando paixões adolescentes e acontecimentos misteriosos. “Uma lembrança de que o Terror também pode ser divertido.”

Atravessando a fronteira, Eric ainda indicou a obra de Carmen Maria Machado, autora de *Na casa dos sonhos*, livro autobiográfico em que ela narra sua vida durante um relacionamento abusivo com a ex. Segundo Novello, o horror físico e psicológico, assim como a identidade *queer* estão no cerne das histórias.

Por fim, ele mencionou Clive Barker, criador da série *Hellraiser* e de *Livros de sangue*, “atuante desde a década de 80, muito antes do debate sobre horror *queer* ganhar a força que possui hoje.”

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Cronista não ganha Prêmio Nobel

Francisco Gil Messias
Especial para o *Correio das Artes*

Quem disse foi Humberto Werneck, ele próprio um dos grandes cronistas do Brasil atual e futuro biógrafo de Carlos Drummond de Andrade (está escrevendo já há algum tempo a esperada biografia do itabirano). Fiquei refletindo sobre essa afirmação aparentemente óbvia e agora quero compartilhar com o leitor alguns pensamentos. A crônica tem essa vantagem: tudo lhe serve de objeto, até mesmo uma simples frase de efeito dita ao acaso e sem maiores compromissos.

Werneck fez a afirmação numa entrevista na qual discorreu, de forma não depreciativa, ressaltando-se, sobre o caráter “menor” da crônica enquanto gênero literário. Apenas reconheceu o que muitos pensam a respeito, inclusive vários que a praticam sem ilusões. E aí soltou, como se fosse uma conclusão inevitável:

“Cronista não ganha Prêmio Nobel”. Será?

Eu gosto de brincar dizendo que o cronista é o soldado raso da literatura. E é mesmo, sob certos aspectos, nada contra os soldados rasos (desde que fiquem quietinhos no quartel), claro. Mas é uma questão, digamos, de tradicional hierarquia literária, em que o conto, o ensaio, a poesia e o romance normalmente recebem uma consideração maior por parte do público e da crítica. A pobrezinha da crônica fica lá ao rés do chão, até mesmo quando recolhida em livro ou procedente de reconhecidos mestres da palavra, como Rubem Braga e companhia.

O fato de ser curta de tamanho e leve no conteúdo, mesmo quando aborda temas sérios, certamente contribui para esse “desprestígio”. As pessoas, sabemos, não valorizam o que parece fácil de fazer. Já ouvi muito leitor presunçoso afirmar, com ares de sabido, sobre um texto que certamente, na sua enganosa simplicidade, deve ter dado um bocado de trabalho ao autor: “Esse aí, até eu escreveria...”. Vejam só.

Quando impressa em jornal físico, dizia-se – e ainda se diz – que, juntamente com todas as demais notícias, a crônica servia e serve apenas para embrulhar o peixe do dia seguinte, fato verdadeiro que certamente não contribuía e não contribui para a valorização do pequeno texto tão efêmero. Um ou outro salvava-se, claro, quando recortado e guardado por um leitor mais cuidadoso, mas o resto evaporava-se e evapora-se mesmo, feito fumaça. Como então pretender aspirar a alguma permanência, a alguma respeitabilidade e, no extremo, a algum prêmio? Se é tão precária a crônica, em todos os sentidos, precários se tornam seus cultores, salvo quando dedicados exitosamente ao mesmo tempo a outros gêneros, como foi o caso, por exemplo, de Drummond e de Nelson Rodrigues, mercedores do Nobel, o primeiro enquanto poeta



FOTO: LEONARDO SOARES/ESTADÃO CONTEÚDO

Para Humberto Werneck, a crônica é literatura, pois o jornalismo se caracteriza por ser objetivo e impessoal, enquanto a crônica é exatamente o contrário

e o segundo, enquanto dramaturgo.

Nessa mesma entrevista, Werneck deixou claro, para mim, um dilema que até hoje divide opiniões: a crônica é jornalismo ou literatura? Para ele, é literatura, só pode ser literatura, pois o jornalismo se caracteriza por ser necessariamente objetivo e impessoal, enquanto que a crônica é exatamente o contrário: subjetiva e pessoal.

Estou de pleno acordo, sem falar que, do ponto de vista formal, em alguns autores, de tão bem escrita, a crônica atinge, sem dúvida, alturas de arte literária de primeiríssima qualidade. Evidente que isso não acontece todo dia, mesmo com os melhores cronistas, mas aqui e acolá, o milagre se revela aos olhos extasiados do leitor atento.

É de se perguntar, então: uma eventual coletânea dessas joias crônicas, atemporais e universais, como são e devem ser os grandes textos, não habilitariam o autor, por sua consumada arte, até ao prêmio mais alto? Parece-me que sim, principalmente quando o Nobel de Literatura já foi dado, por exemplo, a Bob Dylan, pelas letras de suas canções.

A inequívoca qualidade literária dos textos é que deve ser o critério fundamental para os prêmios, quaisquer que sejam, e ponto final. Se fossemos levar a questão para o terreno da pintura, por exemplo, é como se só os pintores de grandes painéis tivessem valor. E os miniaturistas, com sua arte, não raro, suprema, nada valem como artistas? O cronista, pode-se dizer, é o miniaturista da literatura, é aquele que, com maior ou menor engenho, colhe as miudezas do cotidiano para apresentá-las à consideração do leitor, levando-o muitas vezes a reflexões imprevistas. Sem dúvida, quando minimamente talentoso, ele é o autor mais capacitado a conduzir o leitor pela mão na transição do jornalismo para a literatura, e só isso é um grande serviço prestado às letras como um todo.

Entretanto, sejamos realistas: cronista não ganha Prêmio Nobel. E dificilmente ganha outros prêmios, essa é a realidade, salvos os raros especialmente dedicados ao modesto gênero literário. Mas o bom é que eles, os profissionais da crônica, provavelmente não estão preocupados com isso, pelo menos os verdadeiros,

**Eu gosto de
brincar dizendo
que o cronista é
o soldado raso da
literatura**

(...)

**Regra geral, a
alma do autor
precisa estar
minimamente
alegre e em paz
com a vida para
que a crônica
resulte como
deve ser**

(...)

**O cronista,
pode-se dizer, é
o miniaturista da
literatura, é aquele
que, com maior ou
menor engenho,
colhe as miudezas
do cotidiano para
apresentá-las à
consideração do
leitor, levando-o
muitas vezes
a reflexões
imprevistas**

aqueles que levam ou procuram levar a vida com a mesma leveza de seus despretensiosos textos.

Observe-se também que os chatos e os que se levam a sério geralmente não se sentem atraídos pela crônica, por duas razões: primeiro, porque a acham humilde demais para suas ilusórias sapiências e, segundo, porque, de espírito tão pesado, não conseguem alcançar a delicadeza inerente ao gênero. Regra geral, a alma do autor precisa estar minimamente alegre e em paz com a vida para que a crônica resulte como deve ser. Carlos Romero, nosso cronista aldeão de inigualável leveza e otimismo, que o dissesse. Aqui, a crônica se parece muito com a comida: se quem a faz não está bem, o resultado não é bom.

Não sei como anda a produção crônica em outros países. Entre nós, ela continua grande e de qualidade, a despeito do desaparecimento dos grandes autores que a dominaram nas últimas décadas. Drummond, Bandeira, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Nelson Rodrigues, Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Carlinhos Oliveira, Cony, Villaça, Antônio Maria e Luiz Augusto Crispim, entre outros mestres, fazem falta. Mas quem ainda conta com um Ruy Castro, um Joaquim Ferreira dos Santos, um Humberto Werneck, uma Cora Rónai, um Edmilson Caminha, um Chico Viana, um João Batista de Brito e um Gonzaga Rodrigues, por exemplo, pode se dar plenamente por satisfeito e, quem sabe, até sonhar com um improvável, mas inteiramente prescindível, Prêmio Nobel.

Francisco Gil Messias é bacharel em Direito pela UFPB, mestre em Direito do Estado pela UFSC e foi procurador federal junto à UFPB. É autor de livros como 'O Redator de Obituários: Crônicas, Artigos e Talvez Ensaios', sua obra mais recente. Mora em João Pessoa (PB).

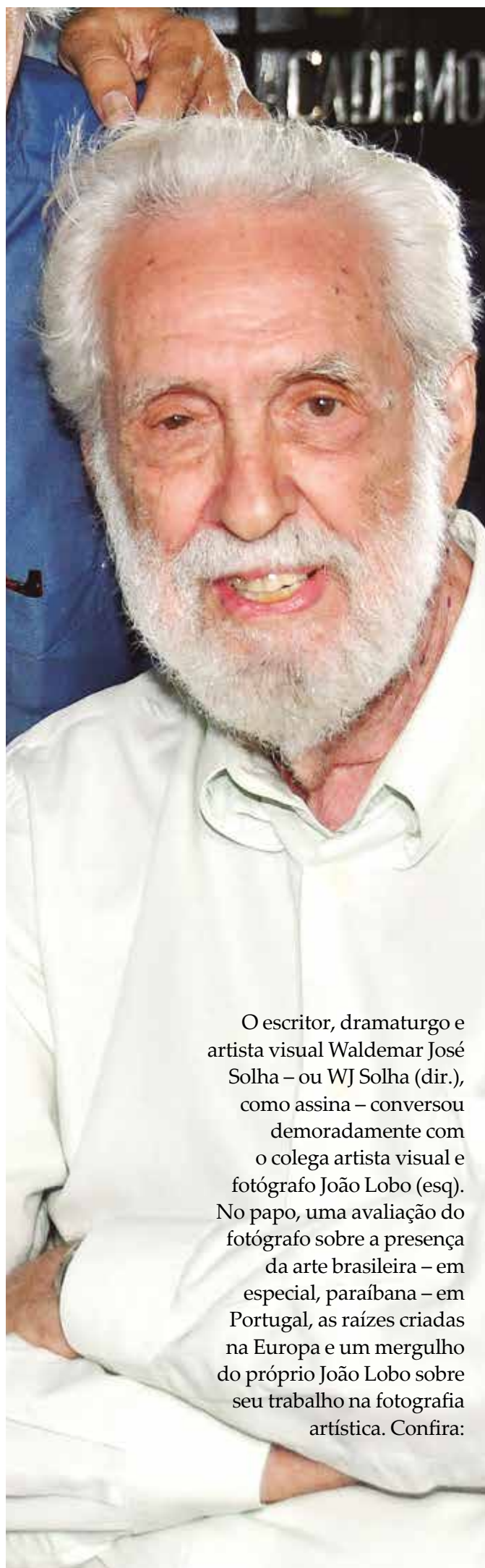


João Lobo: “Um fotógrafo processual”

W J Solha

Especial para o *Correio das Artes*

Artistas conversam sobre o alcance da arte brasileira, em especial paraibana, em Portugal e do olhar artístico de um fotógrafo que ganhou a Europa com um trabalho sobre as Itacoatiaras da Pedra do Ingá



O escritor, dramaturgo e artista visual Waldemar José Solha – ou WJ Solha (dir.), como assina – conversou demoradamente com o colega artista visual e fotógrafo João Lobo (esq). No papo, uma avaliação do fotógrafo sobre a presença da arte brasileira – em especial, paraibana – em Portugal, as raízes criadas na Europa e um mergulho do próprio João Lobo sobre seu trabalho na fotografia artística. Confira:

■ João, Nélda Piñon – que faleceu em dezembro de 2022 – era de ascendência espanhola e ganhou, em 2005, pelos seus romances, o Prêmio Princesa das Astúrias. Numa entrevista da época, disse que Madri dá aos autores de língua espanhola na América o que Lisboa não dá aos brasileiros. Affonso Romano de Sant’Anna me dizia o mesmo. E eu, para lançar *Trigal com Corvos* pela Palimage, tive de dar a obra já impressa pela Impreell, daqui (da Paraíba) – ou seja: sem custos para a editora de Coimbra. Mas vi o recente triunfo português do Chico Buarque com o prêmio Camões, vi o seu, com a bela mostra de suas fotografias, ano passado, no Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, com a exposição *ÍNDICE itacoatiara do ingá*. Algo mudou? Ou o Chico é um caso isolado de aceitação literária por conta da imensa penetração de suas músicas, e outro é você – por despertar de modo tão especial o interesse da ciência portuguesa, fascinada com o mistério ainda não resolvido da Pedra do Ingá?

De fato, Solha, a Espanha é um país mais aberto para a arte. Desde sempre. Basta consultar a história. Portugal é um país pequeno, tem um território muito inferior ao da Espanha. Embora em Portugal se vislumbre uma excelente produção artística, grande parte desses artistas migram em busca de maiores centros, notadamente para a Espanha, França ou Inglaterra. Os artistas brasileiros são muito bem aceitos por lá. Eles, os portugueses, conhecem bem nossa produção, mas, por conta de um aspecto protecionista, por assim dizer, poucos conseguem espaço no País. No entanto, nossas estrelas desfrutam de excelente aceitação. Falamos de artistas brasileiros consolidados no Brasil e no mundo. O Chico, por exemplo, é um desses. O meu caso foi a confluência de uma série de fatores interessantes. Quando recebi o convite do Museu para celebrar os duzentos anos de independência do Brasil, na realidade, na primeira hora eu recusei. Não tinha, a meu ver, nenhum projeto preparado para a ocasião. Depois, lembrei das itacoatiaras. Um trabalho que comecei em 2004 e acreditava ainda inconcluso. Em conversa com a curadora Sofia Marçal, chegamos a um termo, criamos o conceito e, dessa forma, *ÍN-*

FOTO: ACERVO JOÃO LOBO



‘ÍNDICE itacoatiara ingá’: “Trabalhei com diversos equipamentos e meios. Foram dezoito anos de maturação”, afirma autor da obra

DICE itacoatiara ingá ganhou vida. O efeito disso, foi impressionante. Eu não esperava. Acontece que a pedra do Ingá é matéria que desperta muito interesse, sobretudo, na comunidade científica e acadêmica. Isso gerou uma discussão que ultrapassou o território português, foi além das instâncias da arte e acabou por criar um ambiente para o debate sobre as nossas riquezas culturais, e notadamente no âmbito da arqueologia. Fiquei surpreso com a dinâmica dos acontecimentos. Ora, fiz apenas uma apresentação artística. Não sei nada de arqueologia. De repente, me vi envolvido num emaranhado de atividades que, de longe, transpassou o estatuto da arte, esta que é e sempre foi a minha seara. Acontece que, nesse caso, trabalhei uma substância de interesse global. E foi isso que gerou a grande aceitação, toda essa repercussão na Europa. Atualmente, agendada para a Espanha, busco aqui na Paraíba condições para imprimir o catálogo da exposição que contém, além das imagens, textos de artistas, arqueólogos, teóricos, professores, diretores de museus, enfim, uma gama de personalidades da Espanha, Estados Unidos, Brasil, Argentina, Portugal e França, todos reconhecidos internacionalmente em suas respectivas atividades. Este catálogo, que pretendo imprimir na Europa, está traduzindo para três idiomas, além do português, claro. Será lançado em Madrid, no próximo ano, quando da abertura da exposição.

“Tenho uma ligação muito forte com o Brasil, principalmente, com a Paraíba. No entanto, criamos raízes em Lisboa

João Lobo

■ **Maravilhoso. Mas sempre me pergunto: como, quando e por que você decidiu se transferir para Lisboa? Ronaldo Cagiano e a esposa, Eltânia André - escritores mineiros -, se mandaram para Portugal depois de um assalto terrível que sofreram em São Paulo, onde viviam... O que motivou você a deixar o país? Parecia estar tão bem, inclusive com vários livros de suas fotografias publicados...**

O meu trabalho sempre teve um excelente espaço na Paraíba e, de certo modo, no Brasil. Contudo, o desconforto com o formato da linguagem praticada aqui, e de querer sempre inovar, ir além do convencional, estabelecer a transgressão como regra para desconstruir os parâmetros tradicionais da fotografia, todos esses aspectos me colocaram numa evidente rota de colisão, de modo que a província se tornou um ambiente inviável para meus propósitos, e isso foi o que mais influenciou minha migração. Você foi autor de vários textos sobre as nossas “invenções”. E agradeço imenso, meu amigo. De outro feita, em artigo publicado no Jornal da Paraíba, por ocasião do lançamento do livro *Tessituras Urbanas*, em maio de 2012, por conta de uma fala na entrevista em que digo “não capturo imagens, fotografo processos” o repórter escreveu na manchete “Um fotógrafo processual”¹. Em outro momento, um colega da redação do Jornal A União, ainda na década de 1990, o amigo Robson Nóbrega, em virtude dessas aventuras fotográficas no jornal, descreve-me como “João Lobo: o fotógrafo neo-pós-concretista”, um exagero engraçado que de certa forma apontava, à época, a direção que o meu trabalho seguiria. Estes dois exemplos confirmam o distanciamento da minha produção do que aqui se praticava em termos de fotografia, e o que eu pretendia no que diz respeito à linguagem. Diante disso, Solha, pensava operar a técnica com maior inventividade. Sei das dificuldades entre o pensar e o fazer, sobretudo, em fotografia, cujos procedimentos técnicos são programados e deixam pouca margem para a criação além de olhar, ver e fotografar. Dessa maneira, senti a necessidade de ir além, intervir diretamente na câmera escura, inverter o processo e, em alguns casos, até mesmo flagelar, digamos assim, o

FOTO: ACERVO JOÃO LOBO



João Lobo no Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, onde foi exposta ‘ÍNDICE itacoatiara do ingá: “O efeito foi impressionante. Eu não esperava”

material ou os equipamentos em busca de outras composições. Isso eu não poderia fazer aqui, pois encontraria enormes dificuldades ante a falta de condições técnicas. Diante disso, fui motivado a procurar outras possibilidades fora do País. E deu certo. É tanto que o trabalho *ÍNDICE itacoatiara ingá* ganhou corpo e conceito com materiais que seriam impraticáveis por aqui. Noutra produção inédita, agendada para 2025, *O Tempo do Movimento*, onde, depois de exaustivo trabalho de engenharia e técnica, foram 3 anos de estudos e testes, acoplei uma câmera de alta resolução à frente de uma locomotiva que viajou em média a 120 km/h e fotografei com exposições de até 4 horas. Além do que, os formatos de apresentação dessa produção variam bastante. Num caso específico, planejo fazer uma instalação pública (está em estudo com a equipe de produção) de um painel com 50 m x 10 m num túnel (viaduto). Este trabalho, que chamo de *A Permanência do Efêmero*, tem a intenção de inverter o processo cinematográfico. Ou seja, enquanto no cinema os fotogramas passam a uma velocidade de 24 quadros por segundos para produzir o movimento, nesta produção as imagens permanecem fixas, imóveis, enquanto o passante em seu automóvel,

com velocidade de 50km/h (esse é o limite no local), percebe o movimento no conteúdo das imagens. Enfim, Solha, foram fatores relacionados ao trabalho que estimulou a procura por outras plagas. Contudo, devo dizer que o incentivo maior dessa migração veio a partir da minha esposa Bruna Alves Lobo quando, ao chegarmos em casa, encontrei na caixa dos correios uma carta da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa a dizer que o nosso projeto de doutoramento, inclusive com o aceite de uma professora catedrática como orientadora, havia sido aprovado. Uma surpresa gigante. Nada sabia disso. Tinha o rascunho de um projeto de pesquisa, mas estava em estudo. Ela organizou os textos que eu tinha rabiscado e os enviou sem o meu conhecimento. Deu certo. Depois dessa, amigo, o que fazer? Fomos. Estamos em Lisboa há 10 anos. É uma excelente cidade para se viver. Mas com certeza, a segurança é o grande diferencial em termos de qualidade de vida.

¹ Citação retirada de <https://jornaldaparaiba.com.br/cultura/um-fotografo-processual/>

■ **É uma bela história. E, agora, o doutor pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, fotógrafo com ressonância europeia, pensa, ainda, em voltar a viver no Brasil, ou - além de tudo que nos contou do que lhe foi proporcionado, o doutorado lhe garantiu emprego fixo - ou coisa parecida - em Lisboa?**

O título de doutor é valioso para o currículo de qualquer artista. Sobretudo, da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Uma Instituição secular. Contudo, a minha produção artística e, eventualmente, as atividades com masterclass, palestras ou conferências são as bases do nosso trabalho na Europa. Sou produzido por uma empresa que se encarrega por toda a estrutura destas ações. Tenho uma ligação muito forte com o Brasil, principalmente, com a Paraíba, claro. No entanto, criamos raízes em Lisboa, estamos na cadeia de produção artística do continente europeu e, possivelmente, daremos continuidade a esse trabalho por lá.

■ **Fascinante. A vida é cheia de surpresas. Uma delas é ver que você - como disse o Rodolfo Ataíde sobre sua fotografia - “não captura: solta a imagem” e, de repente, o Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa - se deslumbra como as imagens... “soltas” que você produziu sobre as até hoje não decifradas inscrições da itacoatiara do Ingá - o que me lembra Joyce dizendo, no *Ulisses*, que “falar do mistério no seio do próprio mistério, isso é arte”. O que você diz a respeito?**

Interessante a fala do Rodolfo. Não lembrava. Sublinha, realmente, a minha “luta” com a técnica fotográfica. Interessa-me o que está diante da câmera, claro. Contudo, o que mais desperta a minha atenção é o processo. É o que acontece no interior da câmera escura. O processo fabril que tem como substância principal a luz. Todos os elementos que constroem a imagem fotográfica são imateriais, contudo, fazem existir a matéria. São justamente esses extremos que me motivam. O intangível e o tangível a agirem sincronicamente na construção de uma expressão. Enquanto de um lado ultrapasso os limites da técnica fotográfica em busca de meios para manifestar um pensamento, uma reflexão, do outro lado, objetivo estas

percepções através de uma obra construída, pensada. Por essa razão, encontro fundamentos no meu trabalho que corrobora com a citação do Rodolfo. Percebo-me um instrumento de conexão entre o pensar e o fazer. Realmente, não capturo imagens (o meu processo de criação não permite), transmito-as. Quanto ao projeto das itacoatiaras, a parte mais complicada foi em não reproduzir aquela obra de arte. Trabalhei com diversos equipamentos e meios. Foram dezoito anos de maturação. Nesse intervalo, inúmeros procedimentos técnicos foram usados. Contudo, a percepção do diálogo entre o passado, o presente e o futuro fundamentou conceitualmente o trabalho, de maneira a inserir uma narrativa que sustenta a exibição artística daquele monumento, sem por em causa as teorias científicas sobre aquelas inscrições. É difícil falar de algo que não se tem conhecimento. Mais difícil ainda é desenvolver um discurso para uma obra onde a linguagem permanece, por milênios, indecifrável.

Dessa forma, elaboramos o pensamento com o resgate do passado numa leitura essencialmente plástica, buscamos atualizar o ininteligível e prospectamos o futuro a fazer uma analogia com as inúmeras formas de comunicação visual da atualidade, a projetá-las como o mistério das gerações futuras. Se a citação de James Joyce está de acordo com estas conjunturas artísticas, então este projeto possibilita mais uma forma de ampliar os mistérios inscritos naquela pedra.

■ **Você é o avesso do Cartier-Bresson e o momento pregnante que procurava colher. O que vem a seguir?**

O fotógrafo germânico Michael Welsely faz uma série de fotografias com tempos de exposição de anos. No caso, fixa a câmera numa superfície sólida, abre o obturador e deixa o processo acontecer por tempos que desconstruem, ampliam ou reformulam as convenções da técnica. Dessa forma, “o instante decisivo” ou “momento pregnante” do genial Bresson, fica prejudicado perante uma série referencial a deslizar diante da objetiva. Como disse anteriormente, interessa-me o processo

de construção da imagem. No meio dessa busca, incluo o “antes” e o “instante seguinte”, onde procuro, quase sempre, também intervir. Afinal, como já falei, realizo uma fotografia pensada, construída. Contudo, é no processo, no “durante”, que atuo com maior intensidade. No trabalho *O Tempo do Movimento*, ao qual já me referi, para além do longo tempo de exposição e do movimento, incluo nessa produção o deslocamento da câmera que viaja à frente de uma locomotiva a construir fotografias. Note, que a gravação, nesse caso, não se limita a um assunto, mas, a uma sequência de motivos que desfilam frente à lente em velocidade. Assim, “o instante decisivo” amplia-se e torna-se uma sequência de “momento pregnante”. Por essa ótica, a célebre frase do fotógrafo francês se contrapõe ao trabalho que desenvolvo. De outro modo, Solha, já destacado por diversos fotógrafos, artistas e teóricos, o “instante decisivo” ou o “momento pregnante” localiza-se, não no gesto fotográfico, mas, no instante da seleção da fotografia ou da coleção que o fotógrafo pretende exibir. Pois é justamente nesse contexto que o fotógrafo cola as suas impressões sobre o motivo fotografado. Quanto às novas “aventuras”, temos trabalhado muito com algumas perspectivas fotográficas, inclusive, no resgate de uma linguagem muito utilizada nos anos 60 e 70. Vamos esperar e ver o que há por vir.

■ **Você me lembrou, agora, o fascínio que me causou a leitura das cartas a Théo, quando vi que Van Gogh também era gênio ao falar sobre sua Arte, demonstrando com quanta consciência fazia o que me parecia, até então, puro ímpeto, “paisagens vistas por um temperamento”. Você, com o intenso trabalho de que tira suas fotografias, me surpreende mais uma vez, tal como - conta-se - Schubert ao se deparar com as partituras de Beethoven, intensamente, surpreendentemente elaboradas. Foi muito bom, para mim, ter obtido esta entrevista. Saio dela melhor do que ao conseguir de você estes vários grandes monólogos.**

Obrigado a você.

W J Solha é escritor, ator, artista plástico e dramaturgo. É autor de obras premiadas, como ‘Israel Rêmodora’ e ‘A Canga’. No cinema, estrelou filmes como ‘Salário da Morte’, ‘O Som ao Redor’ e ‘Era Uma Vez Eu, Verônica’. Natural de Sorocaba (SP), está radicado há mais de 50 anos na Paraíba.

[sem título]

Há pó sobre os meus livros
Os lidos e os não lidos
Há pó sobre a estante
E sobre a escrivadinha

Há pó sobre os móveis
Imóveis no escritório
E vê-se à contraluz
Que há pó até no ar

Passo o dedo na mesa
E desenho uma linha
Esse pó no meu dedo
É sua vida e é a minha

Imago dei

Eu vejo a Imago Dei na face do mendigo
Cuja pobreza apenas suja sua beleza
Eu vejo a Imago Dei na face do inimigo
Sua inimizade não é a sua natureza

Eu vejo a Imago Dei na face do bandido
Sua pena apenas pune a sua dignidade
Eu vejo a Imago Dei na face do vencido
Sua derrota não o derrota de verdade

Eu vejo a Imago Dei nas faces machucadas
Nas faces escarradas, faces rejeitadas
Nas faces descompostas, faces escondidas

Eu vejo a Imago Dei nas faces mais estranhas
Moldada não nas faces, mas em suas entranhas
Eu vejo a Imago Dei em suas faces perdidas

R.G.

Leio meu nome Meu sobrenome
O nome do meu pai O nome da minha mãe
A data do meu nascimento O local do meu
nascimento
Mas eu me identifico mesmo é
Com aquela sequência aleatória de dígitos
Que até hoje não decorei

[DÍSTICO]

Deus mora nos detalhes. Por exemplo:
Contemplo o seu sorriso - É o Seu Templo.

[HAIKAIS]

kanjis e flores -
a moça tatuada
é um sumi-ê

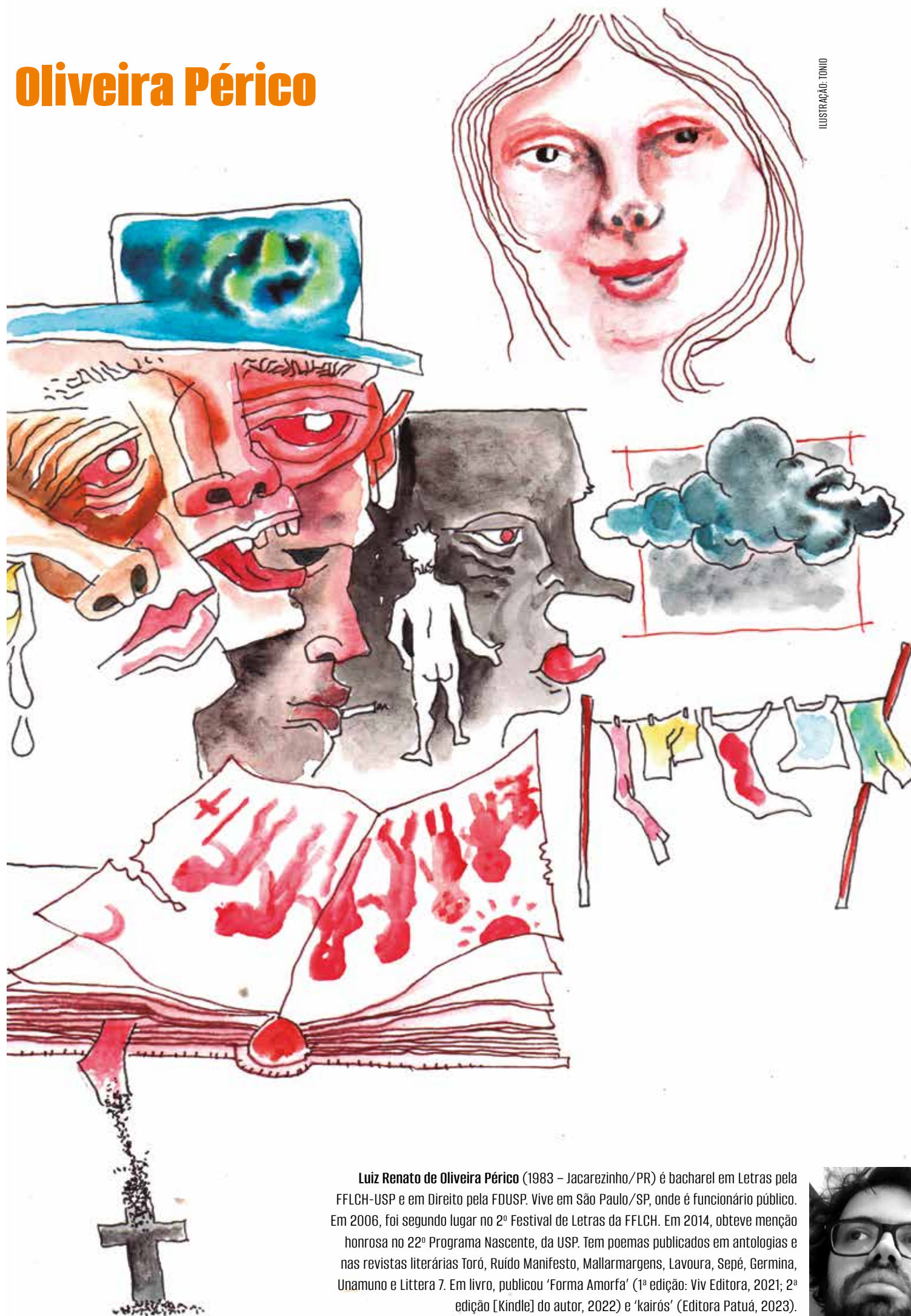
risos na mesa -
ainda não aprendi
a usar o hashi

nuvens escuras -
desprevenidamente,
roupas no varal



Oliveira Périco

ILUSTRAÇÃO: TONIO



Luiz Renato de Oliveira Périco (1983 – Jacarezinho/PR) é bacharel em Letras pela FFLCH-USP e em Direito pela FDUSP. Vive em São Paulo/SP, onde é funcionário público. Em 2006, foi segundo lugar no 2º Festival de Letras da FFLCH. Em 2014, obteve menção honrosa no 22º Programa Nascente, da USP. Tem poemas publicados em antologias e nas revistas literárias Toró, Ruido Manifesto, Mallarmargens, Lavoura, Sepé, Germina, Unamuno e Littera 7. Em livro, publicou 'Forma Amorfa' (1ª edição: Viv Editora, 2021; 2ª edição [Kindle] do autor, 2022) e 'kairós' (Editora Patuá, 2023).



Em busca do queijo Boa Vista

Thomas Bruno Oliveira
Especial para o *Correio das Artes*

Para Gonzaga Rodrigues

Já havia algumas semanas que ele tramava essa viagem que um dia já foi corriqueira. Antes, com uma agenda bem organizada, encontros com amigos e amigas e visitas a lugares que gostava, davam o tom das idas à Rainha da Borborema. Os anos foram passando e subir a Serra se tornou tarefa cada vez mais difícil. O excesso de cuidado da família, sempre afirmando que não havia necessidade da viagem e o cansaço nas juntas, trazido pela idade em avanço, arrefeceu seus ânimos e a cidade em que foi muito feliz em sua juventude, ficava mais longe de seus passos e mais próxima da tela poética que é a pintura de sua vida.

Acordou cedo e pensou: – Vou tomar café na rodoviária para não acordar ninguém, ou então, quem sabe, não merendo em Itabaiana? Assim me aproximo da imagem da várzea do Paraíba, que li muito em Zé Lins... Aquela atitude transgressora de sair praticamente às escondidas, o deixou com o coração a palpitar. Foi à porta e voltou umas três vezes, ralando as mãos nos bolsos para ver se esquecera alguma coisa: – Mais que coisa, eu lá tenho idade para ter esse nervosismo! Carteira, celular, uma caneta e um meio bloco de papel, além dos óculos, no bolso da camisa azul de botão. O primeiro pé na rua foi com uma ânsia incrível, um frio no estômago o fazia olhar para trás umas três vezes, além de ouvir uma voz imaginária o chamando de volta. Na ponta da rua, pegou um carro de aluguel com um velho amigo que conheceu no Ponto de Cem Réis. – Companheiro, por favor, me leve a rodoviária. – Ah, Luiz, vai subir a Serra? – Espero, né?, respondeu.

Descendo para o Varadouro, vê aquele conjunto arquitetônico e lembra de quando chegou à Capital. Como aquilo era imponente e desafiador. – Hoje não me faz mais medo!, balbuciou sozinho. Na rodoviária, tomou uma xícara de café para não ficar com um oco no estômago. Entrou no ônibus, sentou nas primeiras cadeiras, olhou para a o rio Sanhauá e

pensou: – Daqui ninguém me tira mais! E tirou. Uma mulher disse ter comprado o bilhete para aquela cadeira. Contrariado, tirou sua passagem e pediu ajuda: – Repare, me diga onde é o meu assento... Era justamente do mesmo lado do motorista, onde não gostava de viajar. Mas foi. Em Itabaiana, desceu do ônibus como nos velhos tempos; na primeira barraca, comeu bolo mole com café e ainda arriscou uma tarisca de queijo de manteiga. Saciado, ansiava chegar à Campina Grande.

Diferente das outras vezes, não combinou com ninguém em Campina. Foi ao primeiro andar da rodoviária, gostava de ver como a cidade crescia, quantos prédios que não existiam... Foi direto para a Feira Central, a feira grande. O táxi o deixou defronte ao antigo mercado Pexinxá; ele desceu, olhou aquela paisagem, se deixou misturar aos sons, cheiros dos temperos e frutas e ao colorido daquela manhã de sábado. Tomou a rua direita, desceu

**Tomou a rua
direita, desceu na
esquina e foi em
busca da feira de
queijo. Foi tomar
satisfação a Seu
Aluizio que não
mandou mais o
queijo de Boa Vista**

na esquina e foi em busca da Feira de Queijo. Foi tomar satisfação a Seu Aluizio que não mandou mais o queijo de Boa Vista que tanto gosta.

Quando chega, vê um garoto gordo, bonitão, na primeira barraca, e pergunta: – É aqui seu Aluizio? – É meu senhor, meu pai, morreu há quatro meses. Sentindo o cheiro adocicado daquelas peças de coalho, quis se chegar e conversar, dizer que era amigo do velho Aluizio e que ele religiosamente mandava queijo para João Pessoa.

O garoto, com uma “pareia” de amigos, não deu muita bola àquele homem de idade. Se aborreceu, saiu da feira com destino a Praça da Bandeira, passa na Feira de Galinhas e vê estarecido parte da fachada do ‘Casino Eldorado’ no chão. Quantas vezes não foi se divertir lá, quantas memórias.

Sobe para o centro, quantos carros, quanto movimento. Na praça, para no Café Aurora, vê alguns senhores, tenta reconhecer alguém, mas não. Lembra do pão untado com o molho da carne e do café que costumava tomar ali, hoje um café moderno e chique; – Nada contra! Mas está muito diferente de antes...

A desculpa da viagem já estava montada, tinha ido buscar o queijo Boa Vista, que acabou não comprando, tamanha a decepção. Caminha até a Feirinha de Frutas para comer uma banana-maçã, quando vê um tapume de metal defronte a bela construção, onde morou um antigo compadre. – Vão demolir? – Já demoliram, responde o feirante. Cabisbaixo, vai a um orelhão, a agenda tem de cor! Não funciona. Então toma o celular em seu bolso, tenta acioná-lo: descarregado. Aborrecido, chateado, pega o primeiro táxi de volta à rodoviária.

De nada lembra do retorno, só que ao chegar em casa, pega o livro de Irineu Jóffily (de quem é fã), observa um retrato antigo de Campina na parede e pensa: – Da próxima, hei de ter mais sorte!

FOTO: MARCOS RUSSO/A UNIÃO



Jornalista e cronista
Gonzaga Rodrigues, a quem
a crônica é dedicada

**O garoto, com
uma “pareia” de
amigos, não deu
muita bola àquele
homem de idade.
Se aborreceu,
saiu da feira com
destino a Praça
da Bandeira**

Thomas Bruno Oliveira é professor, historiador, jornalista, mestre em História, especialista em História do Brasil e da Paraíba. É sócio de uma dúzia de institutos, entre eles o IHGP e a ALGG. É cronista do Jornal A União e colunista da Revista de Turismo. Mora em Campina Grande (PB).



Larissa Rodrigues

larissa.733@gmail.com

/ afinal, o que quer uma mulher?

O amor e a infância



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Quando penso na infância, tenho a impressão de que Freud criou a psicanálise para que pudéssemos nos curar dela. Ou reinventá-la, acho que essa seria a expressão correta. Somos fruto dessa fase e precisamos atravessá-la se o objetivo for encerrar a vida de maneira mais adulta e produtiva. Não vamos confundir alegria com infantilidade, esse já é um começo. Pensando sobre isso, percebi que existem maneiras de entrar, permanecer e sair da vida do outro. Existem pessoas que são pura ventania, destroem tudo, as vezes para uma renovação e as vezes só para ver a poeira deixada pela ruína. Outras são furacão, algumas um sopro ligeiro. E poucas são brisa de orvalho.

Tenho uma amiga querida, Ângela Zanirato, que disse que sou boa para escrever sobre amor. Logo eu que escrevi que não sei o que é amar. Mas, quando lembrei dessa fala da poeta amiga, recordei de alguns amores ou fragmentos do que poderia vir a ser um. Digo fragmento porque acho que estavam todos pautados na infantilidade. E o amor, apesar de descontrolar, tem lá sua maturidade, tem cá seu charme de quem sabe o que quer.

Lembro de um que foi breve, e hoje

sei que assim o foi porque era perverso como as crianças são em algumas fases. Como muitas mulheres já me peguei valorizando cada cavalo desdentado que nem gosto de recordar. Esse que está longe de ser um manga larga, até hoje, e olha que faz tempo. Gosta de falar mal de mim, usa coisas que até acho engraçado. De tão tolas que são. Depois me passa mensagens consolidando sua verdade, obviamente não retorno. Apenas sinto o quanto o sentimento que ele carrega tomou outra proporção, o ódio, a mais forte forma de amar do averso.

Por vezes, tenho alguma compaixão, outras só esqueço talvez ali exista além de um caráter duvidoso uma criança ferida. Um outro veio feito sopro, nesse curto período entre uma respirada e outra me deu rosas, fez bons textos e até ensaiou uma viagem, por fim, disse que eu cultivava paixões demais para ser sua namorada. O homem sentiu ciúmes até de meus pets, então o sopro acabou. Nesse vejo uma criança abandonada, precisando urgentemente de uma mãe. Diferente do primeiro topou fazer análise e vez por outra diz que está fazendo porque indiquei, o que é pura mentira de menino.

Eu ainda não sei como é o meu efeito na vida de um homem maduro. Ainda não posso escrever sobre isso. No entanto trago comigo o desejo de uma brisa de orvalho. Almejo ser tocada por um sentimento profundo, pouco mesquinho, muito delicado. Alguém que não tenha medo e que seja capaz de me encorajar. Sim, sou medrosa. Acredito que por isso é tão difícil para um analisando percorrer seu percurso de análise, desejar e seguir em frente nunca será fácil. Não sei se Ângela está certa, ela é poeta, e os poetas sabem muito. Na verdade, acho que ela é quem sabe amar e se doar. Isso é poesia. Quanto a mim continuarei amando ou tentando descobrir o que é amar.

Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance, *O que as mulheres carregam nas bolsas*. Mora em João Pessoa.



Milton Marques Júnior
marquesjr45@hotmail.com

SCHOLIA

Um Léxico Crítico para Augusto dos Anjos (Parte V)

Com este texto, o professor Milton Marques Júnior deixa temporariamente de publicar a coluna 'Schoolia', em razão de uma temporada acadêmica que irá realizar fora do País.

Em termos estritamente materiais, a vida é um processo físico-químico. Sem a química do carbono, por exemplo, não existe vida, na forma como a conhecemos. Isto é ponto pacífico entre os cientistas e, principalmente, entre os evolucionistas. Ernst Haeckel, em *Os Enigmas do Universo* (Paris, Librairie C. Reinwald; Schleicher Frères Éditeurs, 1902), é um dos precursores na constatação da importância do carbono para a criação da vida.

Apesar de ser a vida um processo físico-químico, não se pode dizer que cientistas do porte de Richard Dawkins e Ernst Haeckel – este contra o papismo romano, mas com uma profissão de fé monista; aquele ateu confesso – tenham tratado dessa visão material sem um quê de poesia. Se Dawkins define o carbono como “o andaime da vida” (*A Magia da Realidade*, Companhia das Letras, 2012, p. 92-93); Haeckel o chama de “corpo maravilhoso que determina a formação da infinita variedade dos agregados orgânicos e que, por consequência, representa a base ‘química da vida’” (*Os Enigmas do Universo*, Capítulo Primeiro, ‘Como se estabelecem os enigmas do Universo’, p. 5, tradução do francês nossa).

Quando retoma os passos da sua *Teoria Carbógena*, já explicitada em seu livro *História da Criação Natural*, Haeckel, 30 anos depois, em *Os Enigmas do Universo*, deixa mais clara a importância desse elemento para vida (Capítulo 14, ‘Unidade da natureza’, p. 295):

“Só as propriedades características, físico-químicas do carbono – e principalmente o seu estado de agregado semilíquido, assim como a facilidade com que se destroem as suas combinações, os seus muito complexos albuminóides – são as causas mecânicas destes fenômenos motores particulares, que

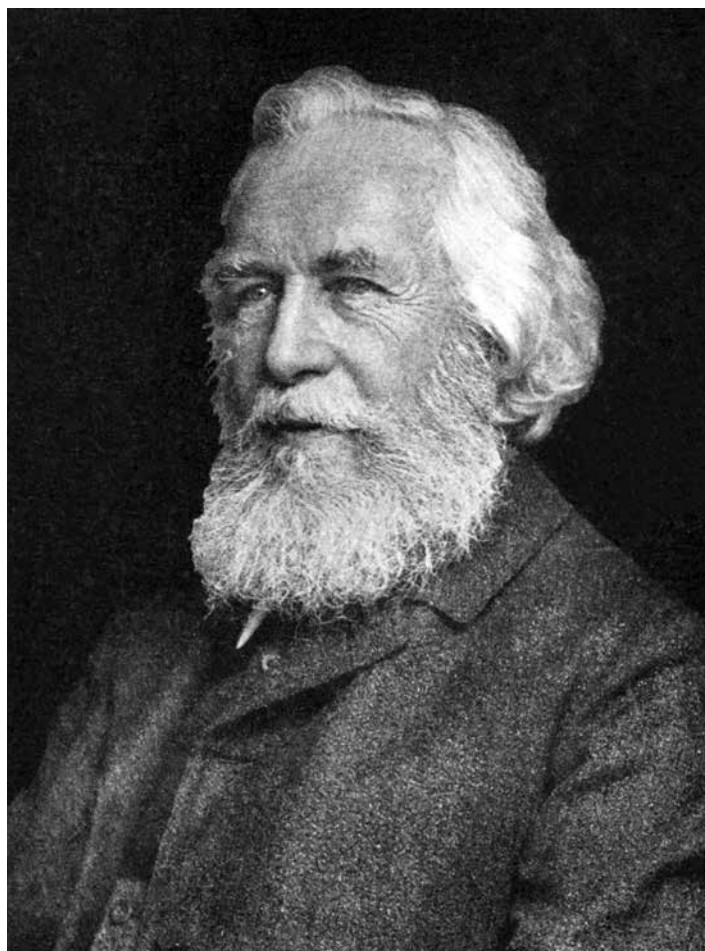


IMAGEM: REPRODUÇÃO/WIKIPEDIA

Ernst Haeckel cunhou o termo “quimiotropismo erótico”, utilizado por Augusto dos Anjos no poema “Os doentes”

distinguem os organismos dos corpos inorgânicos, conjunto de fenômenos que se designam com o nome de ‘vida’”.

Ao tratar da fecundação animal e, mais especificamente, humana, Haeckel vai se referir a uma atração entre o espermatozoide e o óvulo, de um modo não muito convencional para a ciência, que ele chama de “*quimiotropismo erótico*” (Capítulo IV – A NOSSA EMBRIOLOGIA –, p. 74):

“Entre os milhões de células flageladas machas, que se espremem em enxame em torno do óvulo fêmeo, uma só penetra no corpo protoplasmático. Os núcleos das duas células (núcleo do espermatozoide e núcleo do óvulo) são atraídos um para o outro por uma força misteriosa considerada com uma *atividade sensorial* química, análoga ao odor: os dois núcleos se aproximam, então, um do outro e se fundem. Assim, graças a uma impressão sensível dos dois núcleos sexuais e em consequência de um *quimiotropismo erótico*, produz-se uma nova célula, que reúne em si as qualidades hereditárias dos dois pais; o núcleo do espermatozoide transmite os caracteres paternos, o do óvulo os caracteres maternos à *célula-mãe*, a cuja custa o gérmen se desenvolve; esta transmissão vale tanto para as qualidades corporais quanto para o que se chamam as qualidades da alma.”

E vai mais longe ainda, ao supor um “amor celular sexual”, reforçando a ideia do erotismo entre os protagonistas da fecundação, o espermatozoide e o óvulo (Capítulo 8 – ‘Embriologia da alma’, p. 159-60):

“Assim que as duas espécies de células, em consequência da cópula, vêm a se encontrar, ou quando são postas em contato por uma fecundação artificial (por exemplo, nos peixes), elas se atraem reciprocamente e se abraçam estreitamente. A causa desta atração celular é de natureza química, é um modo de atividade sensorial do plasma, qualquer coisa de análogo ao odor ou ao gosto, a que damos o nome de *Quimiotropismo erótico*; também

IMAGEM: REPRODUÇÃO/WIKIPEDIA



Augusto dos Anjos ressignificou o termo “quimiotropismo erótico”, dando-lhe a conotação de instrumento de severa degradação do humano

se pode muito bem (e isso tanto no sentido da química, como no sentido do amor romanesco) chamar isso uma ‘afinidade eletiva celular’ ou um ‘*amor celular sexual*’. Numerosas células flageladas, incluídas no esperma, nadam rapidamente para o imóvel óvulo e procuram penetrar no seu corpo. Como o demonstrou, porém, Hertwig (1875), normalmente, apenas um pretendente será favorecido e atingirá realmente o objetivo desejado. Tão logo este ‘animálclo espermático’ favorecido abriu com a sua ‘cabeça’ (isto é, seu núcleo celular) um caminho através do corpo do óvulo, este secreta uma fina membrana mucosa que o protege contra a penetração de outras células-machas.”

Em primeiro lugar, Haeckel sabia que a atração entre os corpos é do conhecimento científico, desde 1687, quando Isaac Newton formulou a lei da gravitação universal, segundo a qual “todo corpo no universo seria atraído para todos os outros corpos por uma força que se intensificava quanto maior fosse a massa dos corpos e quanto mais perto estivessem uns dos outros” (Stephen Hawking, *Uma Breve História do Tempo*, Rio de Janeiro, Intrínseca, 2015, p. 15).

A atração entre o óvulo e o espermatozoide, senão pelo odor ou pelo gosto, ou por ambos, é, pois, de natureza física, tanto quanto química. Por outro lado, pela sua erudição, Haeckel, além do conceito científico de tropismo – um movimento orientado a um determinado estímulo –, levando em consideração que a vida é produto da química dos elementos, reforça o sentido de *Eros* como força germinadora, conceito de Hesíodo, com um sentido distante daquele que entendemos hoje, com relação ao termo.

Na *Teogonia*, Hesíodo se refere às quatro forças primordiais que deram origem ao universo – *Caos*, *Gaia*, *Tártaro* e *Eros*. O *Caos* é o abismo informe, a boca aberta para o nada, sem nenhuma referência, possível. *Gaia*, a Terra, deusa-mãe de que tudo se origina, tanto os demais deuses, quanto os humanos, é a primeira referência que vai permitir o ordenamento, que se chamará apropriadamente *Cosmos*. *Tártaro* é o seio da Terra, prisão futura dos Titãs, lugar profundo e escuro, cuja distância se mede pela queda de uma bigorna por nove dias, e *Eros* é a força primordial que une os contrários para a procriação da vida. A este termo não se aplica o sentido que hoje lhe dão de concupiscência e sensualidade. *Eros* é força de procriação, portanto de vida. Haeckel ao falar do *quimiotropismo erótico* procura ressaltar essa força de atração que leva ao surgimento da vida, seja no cosmos, seja nos seres vivos, mas particularmente no ser humano:

“A causa dessa existência [do ser humano] é bem antes e unicamente o *Eros* dos seus dois pais, esse poderoso instinto sexual comum a todas as plantas e a todos os animais pluricelulares e que os conduz a copular” (Capítulo 8, ‘Embriologia da alma’, p. 161)

Augusto dos Anjos, seguindo as pegadas de Haeckel, repete a expressão no *Eu*, em ‘Os doentes’, com um sentido para além daquele que o cientista lhe deu (Parte 3, estrofe 22, versos 83-84):

Sentir, adstritos ao quimiotropismo
Erótico, os micróbios assanhados
Passearem, como inúmeros soldados,
Nas cancerosidades do organismo!

O termo é de Haeckel, conforme já vimos, mas Augusto dos Anjos o emprega com outro sentido, que entra em

choque com um certo ideal do cientista alemão, fundamentado na sua teoria monística. O eu-poético, em uma angustiante noite de alucinações é impactado pela exposição, crua e expressionista, da degradação humana. A materialidade em que se apega o ser humano, arrasta-o a uma condição extrema de doente não só do corpo, mas sobretudo da alma. Consciente de que a alma doente adoce o corpo, o eu-poético anseia por um recomeço do processo evolutivo – “reduzido à plastídula homogênea” –, na esperança de que a natureza humana possa se modificar, num diálogo claro com “Monólogo de uma Sombra” (Parte 5, estrofes 54-5, versos 211-218):

“Anelava ficar um dia, em suma,
Menor que o anfioux e inferior à tênia,
Reduzido à plastídula homogênea,
Sem diferenciação alguma.

Era (nem sei em síntese o que diga)
Um velhíssimo instinto atávico, era
A saudade inconsciente da monera
Que havia sido minha mãe antiga!”

O ambiente que cerca o eu-poético lhe desenha uma cidade de doentes, fazendo-o enxergar uma imagem distorcida da vida, resultante da exploração e da miséria, em que a conspurcação predomina, conduzindo à prostituição dos mais frágeis, como as mulheres e, sobretudo, as mulheres negras. Nessa situação de escuridão noturna e de escuridão da alma humana, o eu-poético percebe que o *quimiotropismo erótico*, longe de ser apenas uma atração que leva à fecundação e à criação de um ser vivo, é também um instrumento de severa degradação do humano; de atração fecundadora, a vida tornou-se uma sujeição de “micróbios assanhados” às “cancerosidades do organismo”. A vida, como um milagre, oriundo de uma “afinidade eletiva celular” ou de “um amor celular sexual”, na escuridão em que o eu-poético se encontra, perdeu a batalha para a degradação que o apego da matéria provoca. É o peso de uma evolução natural que não acompanhou a evolução espiritual (“Os Doentes”, Parte I, estrofe 4, versos 12-14):

“E via em mim, coberto de desgraças,
O resultado de bilhões de raças
Que há muitos anos desapareceram!”

O homem material provoca a doença em si mesmo, sendo ele próprio o seu câncer; inverteu as relações e conspurcou tudo o que poderia existir de mais puro, da virgindade intrínseca

de Véstia à comunhão, que deveria reunir os homens em conagração (idem, Parte III, estrofe 16, versos 59-62):

“Dormia embaixo, com a promíscua véstia
No embotamento crasso dos sentidos,
A comunhão dos homens reunidos
Pela camaradagem das moléstias.”

Só a manhã, com a sua luz, é que poderá retirar o homem da visão doentia em que se encontra mergulhado, e dar-lhe a esperança de renovação, de renascimento, como nos aponta a última parte do poema. Percebe-se, portanto, como os binômios recorrentes *noite/dia* e *escuridão/luz* são, em Augusto dos Anjos, as metáforas para a degradação e a espiritualização. O sol não é apenas luz, mas a purificação, que começa dentro do próprio homem (idem, Parte 7, estrofe 73, versos 287-290; Parte 8, estrofes 96-7, versos 379-82; 387-90):

“Dentro da noite funda um braço humano
Parecia cavar ao longe um poço
Para enterrar minha ilusão de moço,
Como a boca de um poço artesiano!”

“Manhã. E eis-me a absorver a luz de fora,
Como o íncola do polo ártico, às vezes,
Absorve, após a noite de seis meses,
Os raios caloríficos da aurora.

Do meu cérebro à absconsa tábua rasa
Vinha a luz restituir o antigo crédito,
Proporcionando-me o prazer inédito,
De quem possui um sol dentro de casa.”

Mais do que uma oposição excludente, *noite* e *dia* assumem uma posição dialética, de uma necessidade recíproca, sem o que a transformação não ocorrerá. Explica-se, assim, a “negra eucaristia”: é no contato com o assombroso “fácies do morfético” que a alma surpreende o lamento da “Humanidade” (idem, Parte 7, estrofe 82, versos 323-326).

A nossa intenção não é fazer uma análise de “Os Doentes”, o que demandaria mais tempo e mais espaço, dada a complexidade do poema. Como o nosso objetivo é definir “*quimiotropismo erótico*”, lançamos mão de uma compreensão global do poema, de modo a contextualizar criticamente o verbete. Desse modo, podemos perceber não haver, na poesia de Augusto dos Anjos, uma estagnação do sentido dos termos científicos. Há, na realidade, uma ampliação, em que a significância, essência da criação literária, mostra-se imprescindível para a busca de uma compreensão profunda.

Quando a casa é o mundo

(notas sobre 'O Pó da Estrada')

Genilda Azerêdo

Especial para o *Correio das Artes*

O Pó da Estrada (2022), coletânea de dez contos, é o segundo livro de Liane Schneider, que estreou na ficção com o romance *Pelos Quatro Cantos*, publicado em 2019. Os dois livros participaram de concursos de seleção e foram premiados: *Pelos Quatro Cantos* foi selecionado, em 1º lugar, através de um edital da Universidade Federal da Paraíba; *O Pó da Estrada* venceu o 2º lugar na categoria conto, em um concurso promovido pelo prêmio Uirapuru, edição 2021, da Editora Folheando. Pelos próprios títulos, percebemos que ambos os livros partilham temáticas ligadas a viagens, travessias e deslocamentos.

Em geral, em se tratando de contos, cada narrativa é autônoma e possui sua singularidade quanto a personagens e conflitos. Mas, às vezes, há contos que dialogam entre si não apenas quanto a temáticas, mas tendo personagens que se repetem. Lembro-me da coletânea *Dubliners*, de James Joyce, cuja cidade, Dublin, e seus habitantes nos incitam a ler os contos como prismas de um mesmo objeto; e de Mansfield, com suas histórias de Késia e os ritos de iniciação das personagens em formação.



Liane Schneider, autora do livro de contos 'O Pó da Estrada': cada narrativa é autônoma e possui sua singularidade quanto a personagens e conflitos

Na literatura brasileira, temos os contos 'Minsk' e 'Luciana', de Graciliano Ramos, também com esse traço de intratextualidade quanto a conflitos e personagens crianças tendo os mesmos nomes.

O Pó da Estrada, sendo um livro de contos, bem que poderia ter como subtítulo "histórias de viagens", já que a voz narrativa, em todos os contos, narra experiências que se constituem como travessias, acontecendo em outros mundos – cidades, países, continentes – que não o seu, algo que oferece ao livro certa homogeneidade quanto à temática ligada a descobertas e descobrimentos.

Tal homogeneidade, porém, se existe por um lado, se transforma em matéria heterogênea quando observamos as maneiras de narrar e as variedades humanas que vão surgindo pelos (des)caminhos. Há contos narrados em primeira pessoa, em terceira pessoa e o conto intitulado 'Rim', que tem o formato de uma carta. Aqui, a escolha formal não poderia ter sido mais adequada, já que se trata de uma tentativa – ainda que imaginária e ficcional – de reatar um laço afetivo que ficou solto e perdido por contingências da vida. O tom de intimidade da carta contribui para o resgate das lembranças, permeadas, inicialmente, de sensualidade e cumplicidade, e eventualmente, de assédio e violência masculina.

O livro inicia, de modo sugestivo, com o conto 'Estação primeira: ensaios', antecipando outras viagens e estações por vir, e, quem sabe, experiências menos desajeitadas por parte da protagonista. Narrado em primeira pessoa, concentra-se nos "ensaios" sexuais da narradora em um campus universitário, dando conta de sua imaturidade e iniciação nas relações amorosas, algo evidenciado nas referências ao corpo, através de expressões bem concretas: "carnes em pencas"; "carnes sólidas"; "corpo vivo"; "corpo que despencava da janela"; "desabracei aquele corpo".

A concretude das referências contribui para insinuar o dado de espanto diante da experiência sexual. Além disso, percebemos um paralelismo entre a descoberta sexual e a vida regrada por

Na vida-estrada-
teatro desse
livro, há muitos
sentimentos,
exatamente por
conta desse olhar
atento, humano
e afetivo da
narradora

dificuldades financeiras, trazendo à tona a relevância do dinheiro e das contas bancárias, por um lado, e das relações de poder entre mestres e alunas, por outro, algo marcado, em termos linguísticos, pela variedade semântica da expressão “tell one – diga um, conte hum, conte a alguém”.

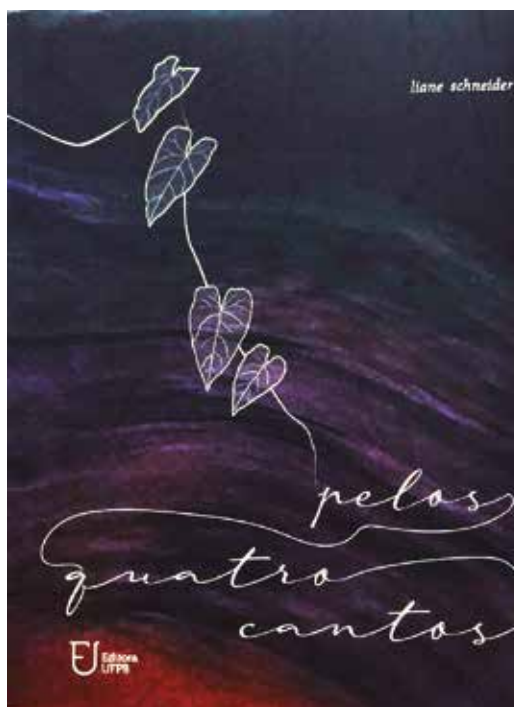
Já nos títulos e ao longo das narrativas, há um vocabulário recorrente que contribui para criar campos semânticos ligados a outros espaços e a outras geografias: estação, paraguaia, comunidades, impérios, pontes, pontos, estrada. A propósito, para encharcar o dado de alteridade, temos também a inserção de termos de outras línguas, inclusive para contaminar as narrativas de humor. Sim, embora, em sua maioria, os conflitos representados sejam permeados de sentimentos negativos – medo, desamparo, insegurança, violência –, há também situações engraçadas que acabam por produzir beleza em meio a situações de incompreensão, caos, assédio e te(n)são. É o que acontece, por exemplo, em 'Estação primeira', 'Meu ponto', 'Frio glacial' e 'O primeiro pedaço da manhã'.

Por conta da variedade de cidades e países referidos – Paraguai, Estados Unidos, Alemanha, Canadá, Inglaterra, Israel, Grécia, Brasil –, os trajetos são de ônibus double-decker, avião, navio, além das muitas andanças a pé. O sujeito errante também é flagrado em diferentes momentos de sua vida: como aventureira com sua mochila; como estudante, trabalhando ora como babá, ora como camareira; e como pesquisadora. Esse espectro temporal nos dá a oportuni-

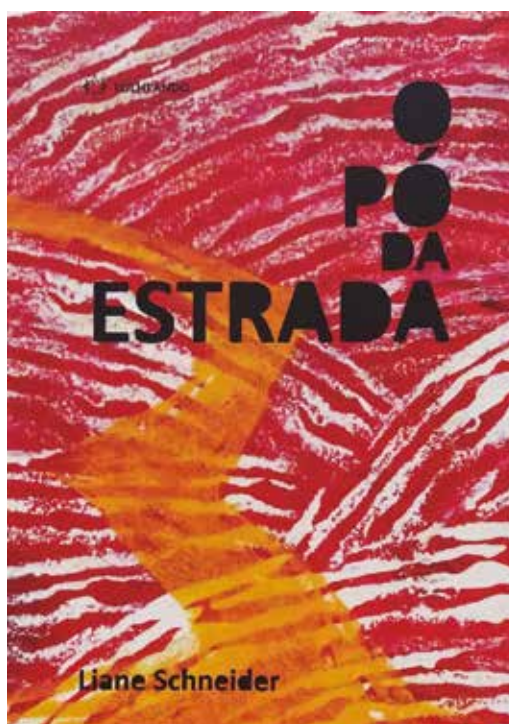
dade de observar o amadurecimento emocional e intelectual da narradora, que não apenas narra o que vê e o que sente em relação ao que vê, mas também como é afetada, em seus (des)encontros, por esse outro, encarnado em sujeitos muito variados: professor vaidoso e presunçoso; cantora lírica; mulher lésbica; transexual; indígena; mochileiros; prostituta; macho violento; mulher muçulmana; camareiras.

O olhar observador (por vezes,

voyeurista) e encharcado de humanidade da narradora-protagonista nos faz lembrar de um questionamento da poeta estadunidense Elizabeth Bishop: “Is it right to be watching strangers in a play in this strangest of theaters? / É certo ficar observando estranhos em uma peça, neste mais estranho dos teatros?”. Desconfio que se trata do mesmo teatro aludido por Shakespeare quando declara: “All the world is a stage/And all the men and women merely players/



Capa de 'Pelos Quatro Cantos', romance que marca a estreia literária de Liane



Capa de 'O Pó da Estrada': histórias representativas do poder da mulher em sua coragem de desbravar mundos

Todo o mundo é um teatro/E todos os homens e mulheres meramente atores”. Na vida-estrada-teatro desse livro e dessas andanças, há muitos sentimentos, exatamente por conta desse olhar atento, humano e afetivo da narradora.

O dado de alteridade, marcado, como já mencionamos, por outras línguas, geografias e culturas, também se faz perceber em referências à comida. O café da manhã das senhoras camareiras, em 'O primeiro pedaço da manhã', é à base de cerveja, salsichas, pães e mostarda. Diz a voz narrativa: “A tal dupla matutina incomum, cerveja e salsicha cozida, soava como um passaporte, como um selo de pertencimento ao grupo”.

Os contos também trazem, aqui e ali, referências e reflexões que denunciam a faceta de professora-pesquisadora da autora. Por exemplo, o encontro com o suposto indígena em Edmonton, em 'Meu ponto', leva a narradora a pensar sobre seu objeto de estudo: “Eu e eles, iguais, perdidos numa parada de ônibus fora de rota, que nos desmascara, gritando nossos lugares agora ilegítimos – eu, apartada da minha posição vacilante como pesquisadora da literatura indígena; eles, como ocupantes do território definido pelo Acordo 6, de 1876, nessas terras agora ditas canadenses”.

Na verdade, a narradora não se encontra tão apartada assim de sua posição como pesquisadora. O encontro com o estranho na parada de ônibus leva-a a refletir e denunciar o que os jornais locais já noticiam sobre a comunidade indígena:

Um quarto das crianças indígenas vive na pobreza; elas terão duas vezes mais chance de morrer antes de completar vinte e quatro anos de idade do que os outros grupos étnicos; o stress pós-traumático dos indígenas concorre com as taxas enfrentadas pelos soldados que retornam do Afeganistão.

E assim, uma história aparentemente leve, até engraçada em alguns momentos, que mostra o trabalho de vigilância do policial não só em relação aos locais, mas aos estrangeiros, acaba por deflagrar reflexões mais amplamente sociais e políticas sobre minorias.

As histórias de *O Pó da Estrada* também são representativas do poder da narradora – do poder da mulher – em sua coragem de desbravar mundos. Sabemos que no passado eram muitos os perigos que rondavam o sujeito feminino que se aventurasse em via-

jar sozinha, ainda que isso significasse uma caminhada a pé ou um passeio de charrete por alguma área rural – basta nos lembrar das protagonistas de Jane Austen e de suas transgressões de convenções quanto a deslocamentos e travessias geográficas. Não à toa, o trecho de Rosa Montero, de *Histórias de Mulheres*, constitui a epígrafe do livro de Liane:

Convém levar em conta que, na maioria dos casos, e durante milênios, ser mulher implicava não ter acesso à educação e nem sequer a uma mínima liberdade de movimentos (sair à rua sozinha ou viajar sozinha).

A contracapa do livro também faz referência a Emily Hahn, autora de *No Hurry To Get Home/Sem Pressa de Chegar em Casa*, memoir de viagens cujos ensaios foram inicialmente publicados no *The New Yorker* e que dão conta dos lugares e das pessoas que ela conheceu pelo mundo. Porém, mesmo viajando dois séculos depois das heroínas de Jane Austen, Hahn ainda se utilizou da estratégia de vestir-se de homem para ter mais liberdade para viajar.

Nos contos de Liane Schneider, os perigos e as ameaças para a viajante sozinha ainda são muitos, o que nos diz sobre o quanto ainda temos que avançar quanto a questões ligadas a respeito, pertencimento, território, interação cultural, partilha de espaços. Os relatos e as experiências da narradora dão conta de problemas muito variados, que vão desde pouco dinheiro (e, portanto, insegurança), passando por violência verbal

e assédio, até questões linguísticas e culturais mais amplas. Mas em nenhum momento sentimos fraqueza ou idéia de desistência por parte desse sujeito errante. Em vez disso, tudo é motivo para embate, autodescoberta e superação.

No conto final, 'O pó da estrada', visualizamos a narradora em um tempo de maturidade, de volta à sua terra e ao seu lugar de origem. O tempo de andanças decorrido e sedimentado contribui para a construção de uma narrativa com vários questionamentos sobre partir, retornar, ficar. Em uma das reflexões da narradora: “Aquela era uma terra em que o bairrismo tinha seu valor, um bairrismo reconhecido por seus méritos claros de fidelidade e identidade, jamais sendo avaliado como negativo”. O passeio pela cidade lhe dá uma sensação de não reconhecimento e não pertencimento – estrangeira na terra natal. As questões mais concretas sobre deslocamento acabam dando lugar a outras preocupações de cunho filosófico, algo já contido, em embrião, no próprio título do conto 'O pó da estrada'. Sim, se a vida pode ser identificada, de modo metafórico, com a estrada e o percurso, é este senso de trajetória que ganha realce ao final do livro. O pó é de chão batido. O pó é também do corpo vivente e errante que um dia se vai... de vez.

Pensando nos questionamentos que o conto apresenta, e nas aprendizagens e descobertas que vamos encontrando ao longo das narrativas, concluo com os versos de Elizabeth Bishop, em “Questions of travel”/“Questões de viagem”:

Continent, city, country, society:
The choice is never wide and never free.
And here, or there. No. Should we have stayed at home,
Wherever that may be?

[Continente, cidade, país, sociedade:
A escolha jamais é ampla e nunca livre.
E aqui ou acolá. Não. Deveríamos ter ficado em casa,
Onde quer que a casa seja?]

Genilda Azerêdo é professora titular da UFPB e pesquisadora bolsista PQ2 do CNPq. Mora em João Pessoa (PB).



Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com



Fátima Maranhão e Renato César Carneiro, dicionaristas

FOTO: ROBERTO GUEDES/A UNIÃO



Desembargadora Fátima Maranhão, coautora do 'Dicionário de Direito Eleitoral': Da letra "A" a letra "Z", o leitor pode buscar origens, apreender tipologias e elucidar conceitos

Das obras de referência, os dicionários talvez sejam as mais utilitárias, as mais propedêuticas por excelência, as mais manuseáveis pelos leitores e estudiosos. Tanto aqueles que selecionam e organizam os vocábulos de um idioma quanto os que se atêm a faixas específicas do conhecimento me parecem imprescindíveis aos que lidam com o acervo informativo, distribuído pelos múltiplos setores da atividade linguística, histórica e social.

No caso particular das línguas ou mesmo no que concerne à realidade das coisas, dos seres, dos símbolos, das ciências, dos fatos e ocorrências experimentados em âmbito cultural, o dicionário, assim como as gramáticas, as enciclopédias e as bibliografias em geral, funcionam como preservadores da memória e como registros científicos de natureza metalinguística. Neste sentido, os dicionários exercem, portanto, funções sociais e históricas, didáticas e pedagógicas, enquanto monumentos lexicais que recortam e ordenam a diversidade e a riqueza dos saberes humanos.

Sem penetrar, a rigor, no campo da lexicografia, isto é, da disciplina que se ocupa dos dicionários, em sua formação, estrutura, metodologia, teoria e prática, pois não dispomos de competência especializada na área, sabemos, no entanto, por experiência empírica, que os dicionários existem no sentido de satisfazer os mais variados interesses. Daí, os dicionários da língua ou dos idiomas; os dicionários científicos, filosóficos, históricos, religiosos, artísticos, literários, técnicos, jurídicos e de toda natureza possível. Porque, de certo modo, tudo pode ser dicionarizável.

A propósito, quero crer que, quando determinada matéria ou determinado ramo do conhecimento humano possibilita, já, a realização de um dicionário,

é porque seus conteúdos, fundamentos, conceitos, doutrinas e resultados têm cristalizado o seu sistema cognitivo e bem sedimentado o corpo de sua própria terminologia científica.

Faço estas considerações preliminares para me ater, dentro dos limites vestibulares de uma simples apresentação, ao *Dicionário de Direito Eleitoral*, da Desembargadora Maria de Fátima Moraes Bezerra Cavalcanti Maranhão – Presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba -, e do professor e jurista paraibano, Renato César Carneiro, estudiosos e especialistas deste ramo do direito, este último com diversos títulos publicados, entre os quais destaco: *A Bagaceira eleitoral*, *O Poder Normativo da Justiça Eleitoral*, *Cabresto: Curral e Peia*, *Origens da Justiça Eleitoral na Parahyba: De 1932 a 1937*, *Eleições de 2006: As Novas Regras do Jogo*, *Fazendo o Diabo: O Diário da Reeleição* e os vários volumes da série *Casos Eleitorais Célebres*.

Ambos, portanto, tão bem credenciados para levar a cabo tarefa das mais desafiantes, mas também de utilidade inestimável, não somente para os que operam no universo da dogmática jurídica (advogados, juízes, promotores, alunos e professores de direito, peritos, consultores etc.), como para os que vivem os direitos e deveres da cidadania, sempre presididos por uma consciência crítica aberta e vigilante.

Afinal de contas, as eleições e as regras que a regulamentam, assim como a doutrina, o costume e a jurisprudência dos tribunais, fontes que sustentam e formulam a própria existência do Direito Eleitoral, constituem fatores de comando que podem favorecer e garantir a dinâmica do processo democrático, indispensável, a seu turno, a uma sociedade politicamente livre e socialmente justa.

Segundo os próprios autores, em Prefácio por ambos assinado, o *Dicionário de Direito Eleitoral* ora publicado é fruto de experiência de trabalho na Justiça Eleitoral da Paraíba – no caso da autora - e de vários anos de pesquisa na qualidade de professor da disciplina de Direito Eleitoral, oferecida pelo curso de Direito da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, no caso do autor. Seu objetivo, ainda no entendimento deles, “é que ele seja mais um instrumento a serviço dos alunos do Curso de Direito, antes que eles comecem a se perder no caminho tortuoso dos ‘Tratados’ e no emaranhado da oscilante jurisprudên-

cia do Tribunal Superior Eleitoral”.

Acredito, não obstante, que, centrado na esfera de uma visível preocupação pedagógica voltada para o corpo discente, ainda no convívio com as primeiras dificuldades teóricas, o objetivo desse dicionário transcende os limites da sala de aula e alcança, sem dúvida, destinatário mais amplo, em todos aqueles que, envolvidos pelo fe-

FOTO: ARQUIVO PESSOAL / RENATO CÉSAR CARNEIRO



Renato César Carneiro empresta suas qualidades de professor ao ‘Dicionário de Direito Eleitoral’, em meio a outras obras que já publicou

“Sempre que possível”, salientam os autores, “alguns verbetes estão acompanhados de sua perspectiva histórica”

nômeno político das eleições, direta ou indiretamente, são tocados pela flama da legislação eleitoral, como também pela filosofia e teoria do direito, pelas decisões dos juízes e tribunais, por hábitos e costumes que envolvem a aprendizagem democrática.

O Direito Eleitoral é um direito constitucional, tendo, na Carta Magna, seus fundamentos e princípios normativos. Votar e ser votado é um direito de todos, é um direito que integra à natureza da cidadania. Portanto, o complexo de conhecimentos e o espectro de ações, leis, regulamentos, conceitos e institutos que consubstanciam o sistema teórico do Direito Eleitoral dizem respeito a todos e a todos interessam, na medida em que, em certo sentido, todos somos responsáveis pelo funcionamento ordenado do mundo jurídico e social.

Assinala ainda os dicionaristas que, embora considerando o caráter didático da obra, não temem o confronto com temas controversos e polêmicos, “a

exemplo dos institutos da reeleição para os chefes do Poder Executivo e da infidelidade partidária”, ao mesmo tempo em que chamam a atenção do leitor para “os verbetes de valor nominativo e para o papel histórico das sufragistas”, em sua luta pela conquista dos direitos civis e políticos, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, fortalecendo, assim, a necessidade e a defesa dos direitos humanos.

Aspecto dos mais relevantes na elaboração desse dicionário consiste no fato de que a magistrada Fátima Maranhão e o professor Renato César Carneiro, cientes dos profundos laços que unem o nosso direito ao direito de outras regiões, não se mostra indiferente às matrizes do direito comparado, valendo-se de sua metodologia na composição de muitos verbetes, esclarecendo mais efetivamente o consultor acerca das matérias abordadas. O cotejo da norma brasileira com as normas estrangeiras, assim como a observação de certas sutilezas que caracterizam a diversidade dos direitos, ajudam naturalmente o pesquisador a compreender melhor a fenomenologia dos institutos jurídicos.

“Sempre que possível”, salientam, “alguns verbetes estão acompanhados de sua perspectiva histórica”, porém, todos apresentam, ao final, as fontes bibliográficas, o que me parece fundamental, não só no que concerne à densidade dos veios teóricos a partir dos quais se fazem os verbetes, mas também pelo critério científico intrínseco a uma indispensável ética da informação.

Nesta mesma perspectiva, isto é, uma perspectiva moral e cognitiva, entendendo a necessidade que os dicionaristas demonstram no sentido de explicar os chamados institutos que fazem parte do direito revogado. Sobre este tópico, assim se expressam:

{...} agimos, de forma, intencional, pois, em vários anos de magistratura e de docência, constatamos que uma das melhores formas de compreender o Direito Eleitoral passa pela análise atenta da evolução da legislação. Seguidores da perspectiva sócio-histórica do Direito, observamos que determinados institutos jurídicos-eleitorais, no Brasil, vão e vêm com o tempo, ao sabor dos interesses políticos em jogo.



Constatamos que uma das melhores formas de compreender o Direito Eleitoral passa pela análise atenta da evolução da legislação

*Fátima Maranhão e
Renato Carneiro*

Verdade. É esta lógica sócio-histórica que alicerça, em profundidade, a escrita e a formulação de cada verbe. Da letra “A” a letra “Z”, o leitor pode percorrer sentidos, buscar origens, apreender tipologias, sublinhar classificações, elucidar conceitos, selecionar categorias, enriquecendo, cada vez mais, seus horizontes de expectativa no âmbito do Direito Eleitoral.

Cada verbe, pequeno, médio e grande, atento ao caráter descritivo e aos vetores históricos, não foge aos critérios exegéticos da apreciação crítica, o que sinaliza não somente para o indisfarçável domínio do conteúdo que revelam os autores, mas também para sua autonomia e independência intelectuais.

Não são poucos os elementos que confirmam a vasta capacidade de pes-

quisa, o cuidadoso sentido de organização da matéria e a ostensiva e eficiente tática elocutiva por meio da qual Fátima Maranhão e Renato César Carneiro, infensos aos falsos esoterismos idiomáticos e à invertebrada expressão acadêmica, procuram abordar os assuntos mais complexos de maneira clara e objetiva, inteiramente de acordo com os pressupostos didáticos das obras de referência.

Diz Salustio que o “mundo é um objeto simbólico”. O direito não deixa de ser uma das suas representações. O direito, em sua multifária distribuição e em seus múltiplos caminhos à procura da justiça.

O Direito Eleitoral não escapa, portanto, a esta injunção, na medida em que participa, com os signos e os emblemas do seu organismo simbólico e da sua constituição normativa e doutrinária, do processo histórico e civilizacional, sobretudo porque é o ramo do direito mais colado aos sortilégios do ideário democrático.

Os autores sabem isso como poucos. A magistrada o demonstra, seja no exercício da função judicante eleitoral e o professor, no espaço da sala de aula, no âmbito da pesquisa e da extensão, em tarefas institucionais, na produção de suas obras, na participação de eventos e seminários, em sua militância na imprensa, com textos ao mesmo tempo esclarecedores e persuasivos, contrários à tirania do juridiquês e seus nefastos efeitos no processo de comunicação.

Esse dicionário que nos põe à disposição enriquece ainda mais suas trajetórias de estudiosos e elastece o repertório das obras que podem e devem ser consideradas indispensáveis, principalmente se se toma seus dados, suas informações, suas achegas críticas e analíticas como pontos de partida para estudos e ensaios mais específicos no campo do Direito Eleitoral.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: 'Nem morrer é remédio: Poesia reunida'; 'Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba'; 'Literatura: as fontes de prazer'; 'Os livros: a única viagem' e 'Valeu à pena'. Mora em João Pessoa (PB).



Agulha de ouro

Jesuino André

Especial para o *Correio das Artes*

O sol clareava a Serrinha dos Préas anunciando um novo dia quando Carlos Martelo desceu do carro. Na beira da estrada ajeitou a cabeleira galega, assentou o matulão no ombro, olhou pra cima e pôs a seguir o caminho estreito e sinuoso ladeado por arbustos secos.

Mais uma jornada de trabalho iniciada para levar ajuda social às brenhas do estado. Ele que já fora de tudo – aprendiz de marceneiro, vendedor de picolé, palhaço de rodeio, mágico de circo mambembe, capataz de fazenda - agora estufa o peito ostentando com orgulho a farda limpa e clara da Sucam.

Sua função específica era observar e registrar cães com doenças, como a calazar, muito comum em zonas rurais afastadas. Ele examinava e dava o veredicto de vida ou morte. E como tal era especialista e conhecido entre seus pares como o “Agulha de Ouro”, pois não errava uma picada mortal nas veias dos pobres animais.

Tomou o ofício com tanta destreza e eficiência que antes de começar o trabalho esfregava as mãos e pensava animado em quantos seriam abatidos no dia. Perdeu a compaixão pelos infelizes. Sentia até o gosto

de sangue salivando na boca. Com o porte de atleta, alto e forte, suportava a caminhada com disposição e sem reclamar da missão.

Tinha como virtude destacada, em meio a essa labuta tenebrosa, uma simpatia contagiante para com os humildes, em especial com os idosos e crianças, por onde passava. Portador de um vozeirão, onde chegava fazia uma festa e assim foi quando avistado pelos primeiros moradores do local.

– Eita lá vem Seu Malária! Chegou Seu Malária! – o termo como é conhecido pelo povo foi como um aviso.

– Bom dia, meu povo! Que Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos. – devolveva ele.

Em sua programação, percorria os sítios mais afastados até chegar ao final na comunidade onde se concentrava a maioria das casas. Foi direto ao primeiro lugar previsto, bateu palmas e saudou:

– Ô de casa, bom dia! É o fiscal da Sucam!

Na frente de uma modesta casa, a jovem senhora abre a porta, reconhece e o atende:

– Olá Seu Malária!

– A senhora tem algum animalzinho pra gente examinar?

– Ah, foi bom o senhor ter chegado. – disse ela toda animada – Tenho um cachorro aqui muito doente pro senhor olhar.

– Cadê o danado?

– Entre aqui na cozinha. O nome dele é Jacaré.

Carlos pediu licença, entrou na cozinha de chão batido onde repousava quieto um cachorro bem magrinho e muito dócil. A mulher foi logo condenando:

– Olha Seu Malária esse cachorro está todo estrupiado e cheio de mazelas!

O fiscal se aproximou para examinar o bicho já com o brilho nos olhos pensando em abater a primeira vítima do dia. Pegou o animal delicadamente e examinou para verificar alguns sinais de doenças. Olhou as orelhas, as patas e o pelo do cão, onde constatou categórico que não havia nenhum mal e falou para a mulher:

– Minha senhora, o Jacaré não tem nada. Ele tá saudável!

E ela replicou, insistindo:

– Tá doente sim, seu Malária. Não come direito e vive desanimado pelos cantos da casa, sem fazer nada. Pode dar fim a esse danado!

Ele tentou argumentar, mas não adiantou. Além disso, a sede ardente para começar os serviços de carrasco estava começando a lhe incomodar. Incentivado pela insistência da dona da casa, resolveu atender ao pedido:

– Tá bom, vou pegar o cachorro levar lá para o fundo do quintal e enterro por lá mesmo.

Com disfarçada felicidade, a mulher consentiu e o abnegado funcionário público pegou a corda e um torniquete para conduzir o animal no cumprimento da sentença final. Teve trabalho porque o instinto do bicho percebeu o pavor do que iria ocorrer e lutou com todas as forças que lhe cabia para escapar da morte. Carlos nunca tinha visto tanta resistência de um animal como aquele. Ele sentiu no olhar sofrido do animal um pedido clemência. Arrastando Jacaré como podia, levou-o aos fundos da casa para imobilizá-lo e aplicar o veneno.

Na tentativa de finalizar, o cão, com o restante das forças, conseguiu desvenenar da armadilha e escapou correndo para o matagal fechado. O matador ficou contrariado pelo fato, mas ao mesmo tempo sentiu-se aliviado por saber que o animal não tinha doença alguma e uma

injustiça seria cometida, satisfazendo assim o desejo de uma pessoa vingativa. O animal assustado provavelmente demoraria muito em retornar para casa.

Voltando para falar com a mulher, disse mentindo:

– Trabalho feito minha senhora!

A dona esboçou alegria no rosto. Depois de anotar os dados em uma prancheta, fechou a mochila, despediu-se e seguiu o caminho para outras visitas. Ao final da tarde, após percorrer toda a região, chegou ao povoado onde terminaria as atividades e seguiria até a beira da estrada para esperar o transporte da empresa. Durante o trajeto de volta, fez a festa com a meninada e falou alegremente com os moradores. De repente surgiu correndo um menino todo ofegante que lhe trouxe um recado:

– Seu Malária, o seu Mané de Tota tá vindo aí querendo falar contigo. Ele disse pro senhor esperar e não sair daqui.

Carlos, meio cabreiro, perguntou ao menino:

– Quem é seu Mané de Tota?

– É o dono do cachorro Jacaré, que o senhor matou lá no sitio de baixo! – respondeu o guri.

Na mesma hora o eficiente fiscal sentiu um calafrio cortante na espinha de baixo a cima. Nisso avistou ao longe, subindo a ladeira, um sujeito montado num cavalo. No mesmo instante pensou: “tô lascado!”.

Sem reação ficou parado, esperando o dono de Jacaré, enquanto uma pequena e curiosa multidão amontoava-se ao redor. Não demorou muito e a enorme sombra do cavaleiro com cara feia, chapéu de cowboy e um revólver escondido nos cós, parou à sua frente, e frente a frente foi logo perguntando:

– Seu Malária aonde o senhor enterrou Jacaré?

As pernas de Carlos tremiam mais que vara verde, mas da cintura pra cima tentou se controlar e argumentou, balbuciando:

– Jacaré?! Um cachorro saudável e bonito daquele?! Não matei não, senhor. Não vi doença alguma, não.

Naquele momento ele percebeu que o Jacaré era tudo para o vaqueiro. E mais ainda, a mulher enciumada do animal, porque muito provavelmente este recebia mais carinho e atenção do

que a própria, queria lhe dar fim. O dono, impaciente e com a voz poderosa, voltou à carga:

– Seu Malária, pela última vez, me diga pelo amor de Deus onde o senhor enterrou Jacaré.

Sentindo que sua hora era a derradeira e quase se borrando de tanto medo, Carlos apelou quase em súplicas:

– Seu Mané, eu disse pra sua mulher que ele tava saudável. Um cachorro bonito como aquele não tinha por que sacrificar...

Quase no tempo final, e por desígnios da providência, apareceu um menino bem escurinho no meio dos moradores e disse gritando para o dono do cão:

– Seu Mané, eu vi Jacaré agora mesmo passando lá em baixo!!!

No mesmo instante o semblante do vaqueiro mudou e virando-se para o menino, perguntou:

– Aonde você viu Jacaré? É ele mesmo?

– Lá em baixo. É ele mesmo! – confirmou o guri.

Aproveitando o ensejo, o prestimoso fiscal acrescentou:

– Eu não disse pro senhor que não matei Jacaré, um cachorro saudável daquele. E outra coisa, ele tem uma mancha branca grande na barriga que deve ter sido água fervendo que jogaram nele.

– E aquilo foi água quente, seu Malária?! – retrucou desconfiado o dono do cão.

– Não tenho dúvida alguma. – o outro tratou de comprometer a mulher.

Logo depois, Seu Mané viu Jacaré e todo feliz chamou o cachorro com um assovio. O bichinho aproximou-se, mas desconfiado manteve certa distância quando viu seu carrasco.

Aliviado pelo fato, Mané de Tota pediu desculpas ao outro, mandou-o subir na garupa do cavalo e disse que o levaria até a estrada para pegar o transporte de volta para casa.

Enquanto o sol caía vagaroso no final da tarde, Carlos Martelo - agora outro homem - ali mesmo encerrou a carreira para nunca mais sacrificar bicho algum. E ainda prometeu para o resto da vida acender todo ano uma vela no dia de São Benedito. Antes de apeiar da montaria, imaginou de como não gostaria de estar na pele da mulher traíra do vaqueiro...

Jesuino André de Oliveira nasceu no interior da Bahia e mora em João Pessoa (PB) desde os anos 1980. É redator-publicitário, produtor cultural e editor do podcast MeuSons. Publica suas crônicas no Instagram @jesuinooliveira.



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Vai coelhinho, vai coelhinho, vai coelhinho!

Para Ricardo Souto, que me deu o mote

José Edmilson Rodrigues
Especial para o *Correio das Artes*

Carlos Grilo se encontrava em seu apartamento. Estava concentrado em um projeto para apresentar na universidade onde leciona literatura antiga. De repente, vem-lhe à lembrança a professora Helena Priscila, sua primeira mulher. Os dois fizeram concursos para a mesma instituição. Na juventude, tomados pela fogueira que imanta algumas almas delirantes, abusaram dos caminhos que se apresentavam pela frente. O tempo passando e eles construindo alguma estabilidade financeira, que lhes proporcionou certa liberdade... Encontros avulsos, namoros casuais. Romperam depois, deixando três filhos. Separação indigesta, com guarda compartilhada e uma confusão familiar para ser administrada. Helena, aos passos de lã, com manha e sutileza, traçava, veladamente, projeto de tese para doutorado, em que seria aprovada. É quando, então, parte com os filhos para a Alemanha, deixando Carlos angustiado.

A um só tempo, vocifera e murmura ele:

- Mulher maldita, sacana, ingrata...
Tira meus filhos de mim. Eu que sempre
fui um grande pai... Ah, mais um dia
vocês voltam... Eu sei que voltam.

Carlos, teimoso e recalcitrante ainda
pelas trilhas da juventude, bem afeiçoado
e viril, é verdade, delineava o texto
de sua pesquisa. Era final de tarde, perto
da noite, caía uma chuva fina e intermi-
tente, quase fria, gostosa para um bom
vinho, ou um café para um lanche.

Eis que, ao longo do corredor, come-
çou a ouvir passos fortes e compassados.
Concentrado em seus afazeres, ao som
da gasguita cigarra, se sobressalta e
constata:

- Não estava esperando ninguém,
quem será?

Levanta-se suavemente e se diri-
ge até a porta, observando pelo olho
mágico e se surpreende: uma mulher
"arrumada" (pensou, como se costuma
dizer na gíria dos homens), bela e bem
apresentável. Pensa, demora um pouco
e se pergunta: - Vale a pena? - E retruca:
- Só vale a pena, mané. E, gentilmente,
abre a porta e a faz entrar com um gos-
toso abraço e um simpático sorriso. Era
Anita Gatunda, também professora, re-
cém-concursada, encontrava-se em está-
gio probatório da mesma universidade.
Ensina língua inglesa e teoria poética.

Mulher eloquente e desinibida, de-
clamava com uma fluidez que inebriava.
Seu dileto poeta William Carlos William,
um gigante das letras da língua nor-
te-americana. Com encanto, fala para
Carlos um poema que o deixa mexido e
encantado pelo tom da fêmea exalando
sensualidade em que a libido se solta,
se desembesta, impregnando todo o
apartamento com vontade e tesão.

Sentam-se de frente um para o outro
em um sofá que lembra um coração.
Ela, com olhar hipnotizante e, na voz,
a suavidade de uma deusa, reverbera
o poema:



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Prelúdio ao inverno

A mariposa sob as goteiras
com asas como
a casaca de um tronco, estende-se
e o amor é uma curiosa
coisa suavemente alada
imóvel sob as goteiras.

Carlos, intrigado, pergunta: - O que
vieste trazer à minha casa, além de ti,



ILUSTRAÇÃO: TONIO

toda bandida? Ela ri e responde: - Vim
pegar um livro para pesquisa, além de
você.

Carlos, incontinente, vai à geladeira,
pega um vinho tinto seco e uns frios e
os põe em uma mesinha bem ao lado
do sofá-coração, vermelho cabaré, e na
primeira taça, avidamente a coloca so-
bre o sofá de bruços, arrancando-lhe as
roupas, admirando suas nádegas como
um desenho de um coração. A visão do
músculo pulsante o faz passear sobre seu
corpo tatuado de vida e vontade.

Anita, sempre com alegria, suas mãos
firmes sustentam a cabeça de Carlos, fa-
zendo-a passear pelos seios, deslizando
em todo corpo, fazendo-a soltar alguns
gemidos de fêmea no cio.

O passeio amoroso muito chegado
só é interrompido pela exaustão do em-

balado sexo. Ele ri, ela ri e, satisfeitos, se
abraçam amorosamente.

Mas, depois de algum tempo, im-
provisa. De repente, ela exige, de certo
modo, outro confronto carnal, num es-
tilo animal, dizendo, diferentemente de
outras ocasiões de casais que usam de
palavras ou chavões, ela, excitada em
tom macio, porém, firme: - Vai coelhinho,
vai coelhinho, vai coelhinho!...

Pensa ele: Vai coelhinho, vai coelhi-
nho, vai coelhinho... Nunca ouvi essa
expressão. Será que sou assim tão rápi-
do? Porque o coelho é um animal fértil
durante todo tempo, mas rápido no ato
mesmo da cópula. Aí pegou mal. Ao
invés de vai cavalinho, vai cavalinho, ca-
valinho, foi: vai coelhinho, vai coelhinho,
vai coelhinho... ai, ai, ai.

José Edmilson Rodrigues é paraibano, natural de Campina Grande, poeta, ensaísta, Mestre em Literatura e Interculturalidade, publicou, entre outros livros, 'A Solidão dos Olhos e as Vertigens do Tempo' (poesia, Mondrongo); 'A Poética do Ridículo' (crônicas, contos e ensaios, Mondrongo) e 'Dueto de Manhãs' (haikais, Mondrongo).



João Batista de Brito
brito.joaobatista2@gmail.com

Um artista na rua



FOTO: ARQUIVO PESSOAL/HORIEBY

Horieby no papel de Jesus em 'A Paixão de Cristo': teatro, circo, música, poesia, pintura, desenho, cinema, escultura, fotografia e cordel compõem os múltiplos talentos do artista

Quem passa na calçada de Tambaú à noite sempre o vê. O ponto dele é ali, onde a Nego encontra a rua da praia. Sentado na murada, das sete à meia da noite, ele aguarda os ocasionais fregueses. Ao seu lado, o cavalete com seus belos desenhos, geralmente caricaturas de gente famosa.

Se você topa, Horieby faz, por R\$ 30, a sua caricatura em cinco minutos. E você leva para casa uma pequena peça, saída das mãos hábeis de um mestre. Você pode não saber, mas mestre da caricatura e de outras artes é o que ele é.

Agasalhado em roupa simples, alpercatas, boné, jeito humilde, fala mansa, Horieby parece só mais um artista de rua, como tantos por aí. Mas não se engane, não é o caso. Para dizer melhor: com seu cabelo louro encaracolado, seus olhos fundos, sua magreza e sua mansidão, ele parece Cristo; o Cristo que, com tanto impacto, interpretou nada menos que 15 vezes nas Semanas Santas, primeiramente na Praça do Bispo, depois na Praça Pedro Américo.

A primeira vez que o vi não foi em Tambaú. Foi na tela: ele fizera uma ponta no filme de Vânia Perazzo *Por Trinta Dinheiros*, de forma que sua discreta, mas singularíssima figura na calçada de Tambaú logo me chamou a atenção. Quando na ocasião, sentei-me ao seu lado para um papo. E, desde então, todas as vezes em que, passeando por ali, o vejo momentaneamente desocupado, sento para conversar. E da conversa, saio cada vez mais enriquecido.

Com efeito, conheço poucas pessoas por aqui com a polivalência de Horieby. De informática à cozinha, de medicina à matemática, de legislação à eletrônica, Horieby trata de tudo com uma *aisance* que espanta. E nem estou falando ainda da versatilidade no seu domínio, mais próprio e mais caro, que são as artes: teatro, circo, música, poesia, pintura, desenho, cinema, escultura, fotografia, cordel... sei lá o que mais.

Pintor, desenhista, escultor, videasta, ator, diretor, roteirista e performer, Horieby Ribeiro nasceu no bairro de Tejiptió,

na cidade do Recife, radicado em João Pessoa desde o começo dos anos 1980. Em criança, já demonstrava interesse pelas artes e, no colégio, já participava de todas as atividades artísticas. Aliás, essa queda artística estava no sangue: bailarina no passado, a mãe era professora de música no Colégio Salesiano, para o qual, garoto pobre, ele ganhou bolsa. E seu tio-avô era ninguém menos que o grande Cilaio Ribeiro, o homem dos bonecos falantes, que hoje dá nome a teatro em João Pessoa.

Aos sete anos de idade, Horieby ganhou o primeiro lugar em concurso infantil de pinturas da cidade do Recife, com um desenho que conquistou o júri pelo surpreendente investimento na abstração. Aos dez anos, subia ao palco para o seu primeiro contato com as artes cênicas, participando de um espetáculo escolar em que interpretava um palhaço. Nem ele mesmo sabia, mas esse palhaço infantil, no futuro, se tornaria o palhaço profissional, "Chicão", que Horieby já performatizou tantas vezes nas ruas do mundo.

Mas foi em 1984 que esse artista faceitado deu início a sua carreira profissional, quando participou de sua primeira exposição numa coletiva com os artistas Irmat e Lau Ferreira. Em seguida, vieram as exposições 'A Presença do Mar nas Artes Plásticas' (1985), e a quarta e quinta 'Mostras de Novos Artistas

Paraibanos' (1986/1987). A partir de então, Horiemy não parou mais de, coletiva ou individualmente, expor sua arte (veja na página ao lado).

Enquanto artista plástico, Horiemy apropria-se de materiais e técnicas diversas para desenvolver um trabalho politizado, crítico, inquietante, suscitando questões humanas e sociais, sempre levando o espectador/consumidor a refletir sobre suas próprias inquietações. Embora passeando no tempo entre abstração e figuração, ele se diz um "visceral expressionista", na acepção bem particular de/alguém que expressa emoções/. Como performer, ator e/ou diretor (cinema e teatro), sua atuação vai no mesmo caminho emotivo.

Em depoimento para a série "Lives culturais" (confira através do QR Code ao lado), falando sobre sua técnica de direção teatral, Horiemy explica que, antes dos ensaios, costuma desenhar as cenas com tinta e papel como se fora uma série de quadros em movimento. Pessoalmente, não pude deixar de associar ao estilo do cineasta Alfred Hitchcock que, como se sabe, antes de rodar, desenhava o filme inteiro ao ponto de afirmar que, no ato da filmagem, ele próprio poderia muito bem estar ausente.

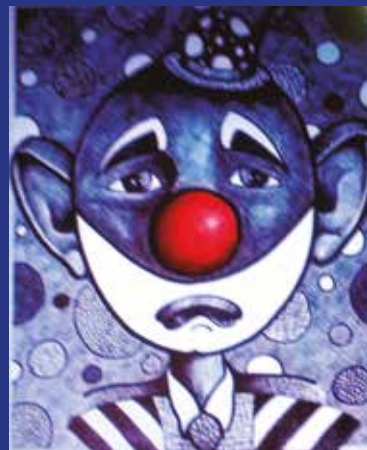
Sem laços jurídicos com empresas ou instituições federais, estaduais ou municipais, a atividade de Horiemy depende de políticas públicas, particularmente dos chamados editais de fins culturais que, como se sabe, não ocorrem com frequência. Na última gestão presidencial, por exemplo, esses incentivos à cultura e às artes foram praticamente sustados, situação agravada pelo advento da pandemia.

No momento, Horiemy está inscrevendo um novo e promissor projeto em um novo edital, porém, à parte premiações e incentivos, a saída para a sobrevivência continua sendo a prática diária da venda de caricaturas feitas na hora, nas calçadas da praia. Belas caricaturas criativas que, na maior parte dos casos, são compradas por turistas sem a mínima noção do imenso valor do artista. Para eles, só "um artista na rua".

Algumas atividades do artista Horiemy

MOSTRAS COLETIVAS

Mostra Novos Artistas do Sesc-Pb; Festival de Artes de Cajazeiras; Projeto Nordeste com Artistas Baianos; III Samap (1988); II Arte Atual da Paraíba (1990); Primeiro Semanarte (1991); Futebol Arte e paixão do povo brasileiro: Galeria Archidy Picado (1994); Quarto e Sexto ArtNor em Maceio-AL; Integrante da Oficina de Litogravura do NAC; (1988/1990); Exposição coletiva com artistas gaúchos – Porto Alegre, RS.



MOSTRAS INDIVIDUAIS

"Paisagens" - Espaço cultural da Caixa Econômica (1987); "Geometricamente Ser" – Galeria José Américo (1988); "O voo da utopia" – NAC (1992); "A bodega d'Arte" (1994); "Haviacruz" – Casarão 34 (2003). Além disso, ilustrou vários livros, periódicos e cartazes, tais como: "O sacrifício dos anjos" de Tarcísio Pereira; "O livro do adivinhão" e "Um boi pastando nas nuvens" de Águia Mendes, entre outros.



ATUAÇÃO COMO ATOR E/OU DIRETOR

"Aparição", 2014 (ator e diretor de fotografia – filme de longa-metragem); "Tenho em mim todos os sonhos do mundo", 2013 (ator e diretor de fotografia – filme curta); "O calvário", 2013 (ator, peça teatral); "A farsa do rei que virou boi", 2005 (direção, teatro); "Cordel do amor sem fim" (direção, teatro); "Bernadete", 2004 (direção e ator, teatro); "Auto de Deus" (ator, teatro); "Transubstancial" (ator, filme curta); "Eu Palhaço", 2003 (direção, ator, teatro, circo)...



Aponte a câmera de seu telefone celular para o QR Code acima e veja a entrevista de Horiemy no projeto 'Lives culturais'

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

O que as séries de televisão e streaming podem ensinar ao operador do Direito?

Adelmar Azevedo Régis
Especial para o *Correio das Artes*

Quais os ganhos que a linguagem artística dos seriados de TV pode trazer ao Direito? Estas séries são aptas a ir além do mero divertimento, trazendo algum conhecimento jurídico ao espectador? Penso que os ganhos são muitos e que as séries televisivas são uma boa fonte de formação e aperfeiçoamento do operador do Direito. Explico.

As artes, desde época do nascimento da filosofia, com Platão e Aristóteles, integravam o Direito. Tércio Sampaio Ferraz Júnior e Willis Santiago Guerra Filho asseveram que, na Grécia Antiga, o teatro instrumentalizava o Direito. Por meio das peças teatrais, encenava-se o Direito. O teatro tinha propósito educativo e permitia aos cidadãos desenvolver reflexões políticas, sendo esse um importante meio de fortalecer a sociedade. Os espetáculos teatrais de tragédia e comédia dos talentosos dramaturgos gregos Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristófanes, em obras como *Édipo-Rei*, *Antígona*, *Electra*, *Prometeu Acorrentado*, *As Bacantes* e *As Rãs*, ainda que almejassem também à diversão, em muito contribuíram para incitar o debate público de questões fundamentais para o aperfeiçoamento da *pólis* e da ideia de política, de justiça e de direito.

Atualmente, o cinema, as séries exibidas na TV e nas várias plataformas de *streaming*, os podcasts e os novos conteúdos audiovisuais digitais também materializam o Direito, sendo possível aos seriados, como retrato social de costumes, ampliar o espectro de uma discussão jurídica.

Marcílio Toscano Franca Filho bem destaca que “no mundo contemporâneo, hiper visual, a ubiquidade e a portabilidade de telas, monitores, ecrãs, projetores e de toda sorte de dispositivos eletrônicos capazes de (re)produzir imagens têm-nos conduzido a modificações profundas nos nossos modos de construir, compreender e transmitir o Direito. Nós, juristas, sempre fomos um pouco *storytellers*; hoje, porém, cada vez mais, a comunicação visual (a imagem) e a sua retórica associativa competem, no processo de fabricação de significados no mundo jurídico, com a comunicação textual (a palavra) e a sua retórica linear.”

Ademais, é certo que o Direito, como código de conduta humana e fenômeno social que é, não deve estar isolado de outras disciplinas, não pode ser indiferente ou neutro à arte e suas mais diversas manifestações.

‘Law and Order’: boas séries podem emocionar e entreter, mas também permitem um aperfeiçoamento para quem busca aprimorar sua cultura jurídica

Ao contrário, o Direito, também como um objeto cultural, pode ser melhor compreendido por meio das inúmeras produções artísticas, inclusive em telesséries de ficção ou documentais, que cada dia mais fazem parte da nossa cultura de massa, como um produto de consumo midiático globalizado.

Já tínhamos ao nosso alcance muitas obras que possibilitavam o diálogo entre o sistema jurídico e o sistema artístico, tratando da interlocução entre o Direito e a literatura, o Direito e o cinema, o Direito e a música, o Direito e o teatro, o Direito e a poesia, etc. Por meio delas, podemos interpretar melhor e com mais sensibilidade o fenômeno jurídico, conhecendo as instituições legais sob outras perspectivas e outros pontos de vista. Entretanto, vislumbramos que havia ainda um considerável vácuo entre o Direito e as séries exibidos na televisão tradicional ou nas plataformas de *streaming*.

Por outro lado, as boas séries de televisão são dinâmicas, trazem narrativas longas e complexas, são interpretativas e, como entretenimento, podem nos emocionar e nos dar prazer, mas também permitem um aperfeiçoamento para aqueles que buscam aprimorar sua cultura jurídica. Afinal, tais séries retratam nossos costumes sociais, nosso cotidiano dramatizado, nossas projeções, nossos dilemas morais, nossos sofrimentos, nossas angústias, as relações de poder na sociedade, etc.

Partindo dessa premissa e para preencher o vácuo existente, iniciei um

projeto cultural com a advogada e professora Nicole Leite Moraes, que permitiu o lançamento, no ano passado, do livro *O Direito e as Séries – Temporada 1*, obra de autoria de 35 operadores do Direito, com prefácio do pós-doutor em Direito no Instituto Universitário Europeu (Florença), professor e procurador do Ministério Público de Contas da Paraíba, Marcílio Toscano Franca Filho, com artigos nos quais, de forma plural, os autores destacaram os inúmeros aspectos jurídicos que mais lhes marcaram em festejados seriados de TV.

Nos capítulos da obra, foram abordados muitos ramos do Direito, como o constitucional, civil, consumidor; romano, eleitoral, digital, médico, empresarial, penal, processual penal, ambiental e o autoral. Temáticas das mais diversas e absolutamente atuais, como a liberdade, o crime, a criminologia, o autoritarismo, a tirania, a autonomia da vontade, os direitos da personalidade, o superendividamento, o conceito de interesse público e de bem comum, a adoção, o transumanismo, as guerras nucleares, a crise imigratória, a degradação do meio ambiente, a escravidão em Roma, a “escravidão contemporânea”, a linguística forense como meio investigativo, a prática da *fishing expedition*, a inteligência artificial, as mídias sociais, a replicação de *fake news*, o direito à privacidade, a proteção de dados pessoais, a teoria dos frutos da árvore envenenada, os direitos das pessoas com deficiência, a violência policial, as milícias, o abuso de autoridade, a busca pessoal, os princípios do Direito Ambiental, a violência sexual, física e psicológica contra a mulher, a interferência da mídia no sistema jurídico, a corrupção política, a dinâmica da advocacia, a ética, o financiamento de campanhas políticas, o plágio e o estelionato sentimental, foram amplamente discutidas no livro, que marcou pela singularidade e inovação.

O sucesso da primeira temporada nos animou a organizar *O Direito e as Séries – Temporada 2* (lançado neste mês de dezembro no Centro Cultural Ariano Suassuna, em João Pessoa), obra que pudesse representar a sequência do projeto. Lançamos um edital para os interessados, ao qual imediatamente acudiram 56 autores, dentre professores doutores, mestres, especialistas, procuradores do Tribunal de Contas, procuradores do Trabalho, advogados, um cônsul e alguns graduandos de Direito, que produziram 29 artigos em que foram abordadas diversas temáticas das ciências jurídicas e sociais, mas que também estão repletos de relevantes questões mo-



IMAGEM: REPRODUÇÃO

Coletânea de ensaios reúne textos de 35 operadores do direito, que destacam aspectos jurídicos de festejados seriados de TV

rais, sociais, éticas, filosóficas, políticas, religiosas e até mitológicas.

Além daquela temática, já explorada na primeira temporada, também se encontram presentes no novel livro, que está em edição e será lançado ainda este ano, assuntos jurídicos mais atuais, como a responsabilidade civil do estelionatário sentimental, o sensacionalismo midiático na apuração dos crimes, o punitivismo seletivo do Direito Penal, os crimes de bullying, cyberstalking e stalking, os gravíssimos problemas do sistema carcerário e o descumprimento das normas de execução penal, os direitos conferidos pela legislação às crianças, aos adolescentes e às pessoas com deficiência, a exploração do trabalho infantil, o racismo estrutural, a obstrução à justiça, a ética profissional do advogado, o marketing jurídico, a Justiça Restaurativa, a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, o garantismo penal, as apostas esportivas, a diplomacia, a teoria dos jogos, a bioética e o eugenismo.

Foi possível, mais uma vez, por meio da análise de séries de TV, tratar das questões que interessam ao Direito de forma mais humanizada, lúdica e sem perder a sensibilidade, o sentimento e a emoção que marcaram a primeira temporada do nosso projeto.

Como bem afirmou o procurador regional da República e doutor em Direito pelo King's College London, Marcelo Alves Dias de Souza, que nos honrou

com o prefácio da temporada dois, o cinema/TV, com toda a sua dramaticidade, que nos faz “viver” a história/estória do filme/série/seriado, pode nos ajudar bastante no desenvolvimento da nossa sensibilidade, e a questão do apelo emocional inerente às narrativas cinematográficas e televisivas nos faz tomar partido e nos apaixonar por uma tese e mesmo por toda uma temática jurídica.

Destacou, ainda, o jurista potiguar que “certamente o cinema e a TV possuem linguagens mais adequadas que a linguagem da escrita pura, sobretudo a nossa enfadonha escrita técnico-jurídica, quase sempre marcada pelo tal “juridiquês”, para expressar nuances, intuições e elementos afetivos que também permeiam – e assim deve ser – o Direito.

Como explica Julio Cabrera, diferentemente da letra fria da lei e dos manuais de Direito, os conceitos-imagem do cinema (e da TV), por meio da “experiência instauradora e plena, procuram produzir em alguém (um alguém sempre muito indefinido) um impacto emocional que, ao mesmo tempo, diga algo a respeito do mundo, do ser humano, da natureza etc. E que tenha um valor cognitivo, persuasivo e argumentativo através de seu componente emocional. Não estão interessados, assim, somente em passar uma informação objetiva nem em provocar uma pura explosão afetiva por ela mesma, mas em uma abordagem que chamo aqui de logopática, lógica e pática ao mesmo tempo”.

Lenio Luiz Streck nos ensina que o Direito necessita de grandes narrativas. Pois bem. As séries de TV, como arte narrativa e audiovisual, com todos os seus recursos técnicos, permitem que se conte uma história e que se aperfeiçoe o olhar crítico, emitem uma mensagem poética ou um conceito, despertam as mais diversas emoções, sentimentos, surpresas, dilemas e reflexões profundas no espectador, com quem muitas vezes criam laços afetivos. O espectador aprende e se educa não apenas por um processo puramente racional, mas por meio de imagens e do impacto emocional que as séries conseguem transmitir.

Ao juntarmos seriados exibidos na TV tradicional e nas inúmeras plataformas de *streaming* com o Direito, aproximamos a ciência jurídica da sociedade, possibilitando o aperfeiçoamento desta última e uma melhor compreensão para o fenômeno jurídico.

Adelmar Azevedo Régis é advogado, mestre em Direito e membro da Academia Paraibana de Letras Jurídicas. Mora em João Pessoa (PB).

Milton Dornellas:

amor em quatro momentos

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

A maneira de se amar, musicada por Milton Dornellas e Pedro Osmar na poesia de Ronaldo Monte, é um misto de perdão, glossário, palavras suaves e remédio como uma cura que não pode ser esquecida na letra de “Lembrete”, que faz parte do disco *Sete Mares*, de 2000.

Lembrete

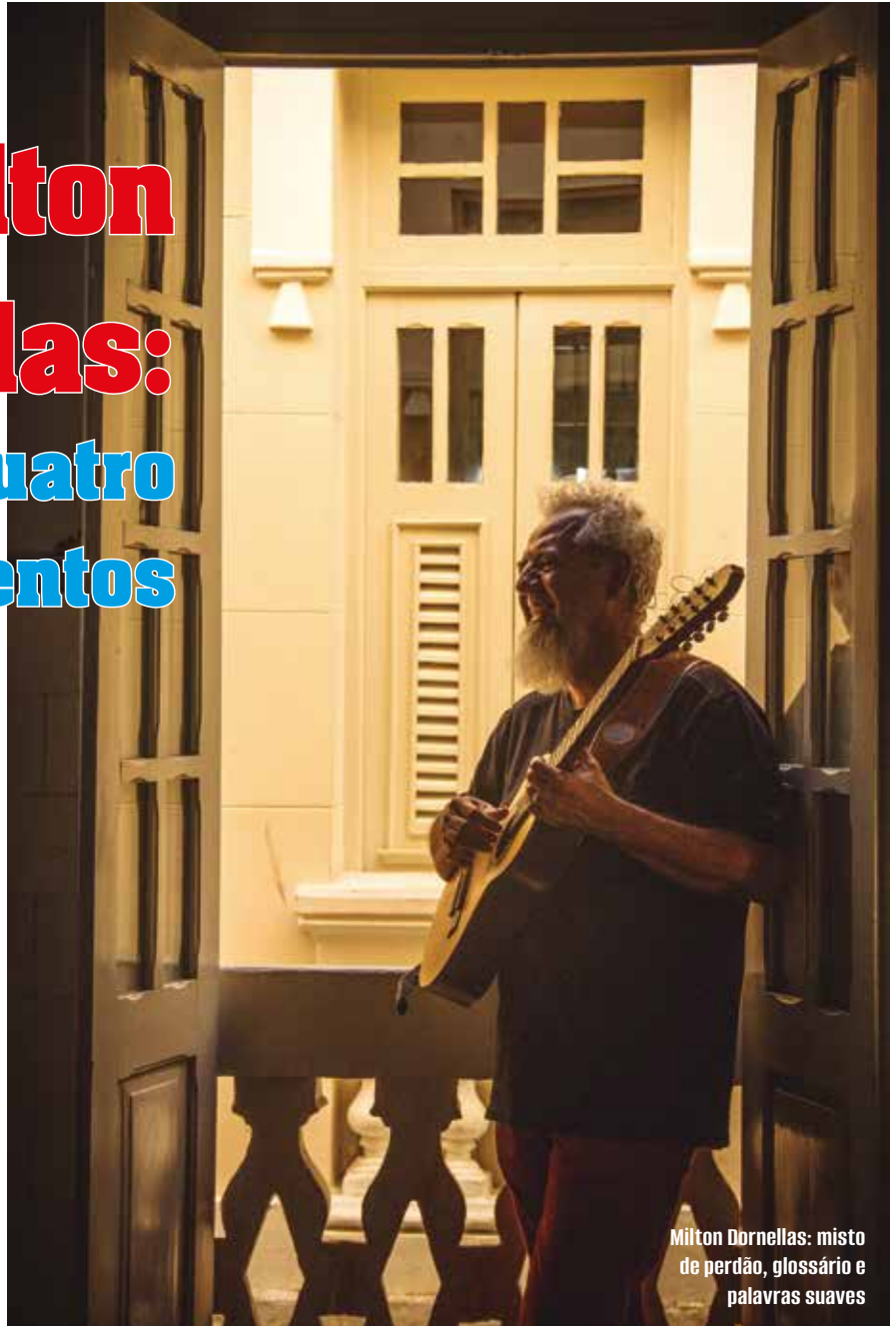
(Milton Dornellas /
Pedro Osmar /
Ronaldo Monte)

Se for amar
Leve junto um bocado de perdão
Porque logo devem ser esquecidas
As promessas que por certo te farão
Se for amar leve junto um grosso dicionário
Para medir as palavras
Que por certo serão ditas
Nos momentos de paixão
Se for amar leve junto
Mercurocromo, algodão
Um rolo de esparadrapo
Para fechar as feridas
Que por certo sangrarão
Se for amar se previna
Deixe em casa o coração

Compreensão:

O eu lírico coloca o amor como condição em quatro momentos, simbolizando situações hipotéticas ou cômicas.

No primeiro momento, o eu lírico enfatiza a condição de partir como intuito



Milton Dornellas: misto de perdão, glossário e palavras suaves

de conduzir “um bocado de perdão”, em forma de hipérbole, já que os compromissos devem ser abandonados.

No segundo momento, o eu lírico enfatiza a condição de partir para venerar usando um glossário, determinando a extensão das palavras proferidas nos instantes de intensidade.

No terceiro momento, o eu lírico enfatiza a condição de venerar, levan-


do remédios para suavizar a dor no sentido figurado (a dor do amor seria como uma chaga, sendo cicatrizada com remédios e curativos).

No final, o eu lírico a prevenção de deixar o âmagô em seu lar, como uma maneira de não se envolver emocionalmente. Em outras palavras “deixar em casa o seu coração” é a forma de se relacionar sem compromisso.



Através do QR Code acima, ouça ‘Lembrete’ no Youtube

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro ‘Eu Lírico’ (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB).

**OS
GRANDES
DO NOSSO
MUNDO** 

Ipojuca Pontes

Quem são

Os grandes

do nosso tempo?

Na política? Argemiro de Figueredo! Na música? Sivuca!
Nas comunicações? Chateaubriand! Na Literatura?
Zé Lins! No esporte? Pelé, claro, tão grande, quanto eterno.

Os perfis destas e de outras personalidades únicas são ricamente traçados por um dos intelectuais paraibanos mais sólidos, o jornalista e escritor, Ipojuca Pontes.

No livro "Os Grandes do Nosso Tempo" temos a chance de conhecer melhor as histórias de quem marcou a História em mais um lançamento robusto que você encontra na **Livraria A União**, no Espaço Cultural.



transformando vidas
pela música

Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

